

**IVAN BARBOSA HERMINE**

**INICIAÇÃO AO ESTUDO DO MATERIALISMO DIALÉTICO**  
**O PENSAMENTO DIALÉTICO**

**SÃO PAULO**

**2013**

## SUMÁRIO

O PENSAMENTO DIALÉTICO -----	04
1.1 Tipos de Materialismo -----	06
1.2 Formas da Dialética -----	07
1.3 Matéria -----	08
1.4 A Consciência -----	09
1.5 O Movimento -----	10
1.6 Espaço e Tempo -----	11
1.7 Encadeamento Universal dos Fenômenos -----	12
1.8 A Origem do Movimento -----	13
1.9 Transformação da Quantidade em Qualidade -----	14
1.10 Do Inferior ao Superior, do Simples ao Complexo -----	14
1.11 Dialética é a Ciência do Desenvolvimento -----	15
1.12 Categorias da Dialética -----	16
1.13 O Geral, o Particular e o Singular -----	16
1.14 Qualidade e Quantidade -----	18
1.15 Causa e Consequência -----	19
1.16 Necessidade e Casualidade -----	20
1.17 Possibilidade e Realidade -----	21
1.18 Conteúdo e Forma -----	23
1.19 Essência e Fenômeno -----	25
1.20 Lei -----	26
1.21 Lei da Unidade e Luta dos Contrários -----	27
1.22 Lei da Negação da Negação -----	31
1.23 Sobre o Conhecimento do Mundo -----	33
1.24 Pensamento Abstrato ou Conhecimento Lógico -----	35
1.25 Linguagem e Pensamento -----	39
1.26 Sobre a Verdade -----	39
1.27 Critério da verdade -----	40
1.28 Relativismo na Teoria do Conhecimento -----	40
1.29 Dogmatismo na Teoria do Conhecimento -----	40
1.30 Sobre a Teoria e a Prática -----	41

1.31 Os Movimentos do Pensamento -----	45
1.32 Conhecimento do Senso Comum -----	48
1.33 Conhecimento Científico -----	49
METODOLOGIA -----	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	51
APÊNDICE A - SOBRE O AUTOR-----	52
ANEXO A – SOBRE O MATERIALISMO DIALÉTICO -----	53
ANEXO B – O IDEALISMO E SUAS RAÍZES -----	55
ANEXO C – A QUESTÃO FUNDAMENTAL DA FILOSOFIA -----	58

## O PENSAMENTO DIALÉTICO

Para a compreensão das duas correntes básicas da filosofia que orientam nossas práticas diárias, é fundamental buscar os conceitos de matéria e consciência. Neste momento, passo a ter uma concepção dialética com base nas leis gerais do movimento e desenvolvimento da natureza, da história humana e do pensamento. Esse é o ponto de partida. Então perguntamos: o que é consciência? Se observarmos um ser humano que chega ao nosso mundo, além de todo o processo de sua constituição uterina, ele é introduzido num contexto novo, é apresentado ao mundo em que vivemos. Nasce num determinado país, com seus hábitos, valores, forma de pensar, educação própria, língua, enfim, participa de um meio cultural, juntamente com seu ser biológico e em determinado ambiente. Todas essas variáveis, ao atuarem sobre o novo ser, estão contribuindo na construção de uma pessoa, de sua personalidade, de seu caráter. A cultura, no sentido antropológico, toda a criação humana socialmente transmitida, deixa no indivíduo seu caráter evidente. Para ser simplista, a língua, o idioma, um elemento da cultura, comprova quão marcante é o peso das variáveis culturais na formação de uma pessoa. Se alguém nascer no Brasil, certamente, irá falar português e não chinês. Assim como o idioma, inúmeros outros fatores estão atuando sobre o ser humano, incluídos o biológico e ambiental, gerando um ser socializado que importou todos os ingredientes disponíveis de sua cultura. Esse processo de socialização e assimilação de elementos culturais forma a consciência, edifica o ser social, constrói a consciência social do indivíduo. Esse movimento sociedade-indivíduo se dá nos dois sentidos, pois a pessoa também responde ao mundo, se relaciona com ele, pensa e age. Percebemos que esse pensamento foi construído no processo de socialização do indivíduo. A não entendia nada, não falava, e se desenvolveu com suporte na sociedade em que nasceu. Daí a sua consciência, foi construída num ambiente cultural próprio. Podemos concluir que é o ser social que forma a consciência e não o contrário. A consciência não é matéria, é propriedade dela, e está associada a um órgão humano, o cérebro. A desativação cerebral nos faz perder a consciência e, certamente, ela não está nos dedos, nas pernas, mãos, etc.. Sobre a consciência socialmente desenvolvida, podemos compreendê-la como a propriedade de uma forma organizada de matéria. Não é matéria. É propriedade de uma forma altamente organizada de matéria denominada cérebro. Consciência é propriedade cerebral.

Se consciência não é matéria, o que é matéria? É importante fazer aqui uma observação que esse conceito não é o conceito da física (ciência). Na física, matéria é tudo

aquilo que ocupa lugar no espaço. Na dialética materialista, matéria é tudo aquilo que existe fora da consciência, que não depende da consciência, que tem existência objetiva e não subjetiva. Sabemos, pela física, que existe uma relação entre matéria e energia. No pensamento materialista dialético, energia também é matéria, pois independe da consciência, propriedade de uma forma altamente organizada de matéria. A matéria se manifesta de diversas formas, as formas de existência da matéria, como a matéria (física), antimatéria, energia, espaço, tempo, etc.. Fora da consciência, uma propriedade, tudo é matéria.

Ao mesmo tempo que distinguimos consciência de matéria, temos a concepção do todo. É impossível a consciência sem matéria, mas é possível a matéria sem consciência, dependendo de sua forma de organização. A dialética materialista é uma ciência. Estuda as leis gerais do movimento e desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento. Compreende as partes e sua vinculação com o todo. Concebe um universo integralizado em suas partes, na interligação das partes entre si, com o todo e o todo com as suas partes. É importante compreendermos que o materialismo dialético tem caráter científico, se fundamenta nas ciências em geral para a compreensão do universo. Reúne toda a criação humana e a objetividade como base. Ressalto que existem outras concepções filosóficas materialistas não científicas, como o materialismo intuitivo, utópico, etc.. O materialismo ao que faço referências é o materialismo dialético científico. A matéria não deve ser compreendida como uma massa homogênea, mas como um todo com as suas diversas formas de existência, as formações materiais. Os fenômenos que observamos são manifestações de uma natureza material única, com suas diferentes formas, estados e propriedades.

Contrariamente ao materialismo dialético, a corrente idealista na filosofia quer dar, ao mundo, a forma do pensamento. Formata o mundo de acordo com a construção mental. A realidade perde sua objetividade, é conformada, formatada. Diga-se, de passagem, que o filósofo Hegel desenvolveu o pensamento dialético de forma subjetiva, elaborando o idealismo dialético. Coube a Karl Marx, Engels, Lênin e outros pensadores, a exata compreensão do processo dialético, partindo da dialética idealista para o materialismo dialético, observando os processos dialéticos que se desenvolvem na natureza, na sociedade humana e sua história, e também no pensamento. Desta forma, o pensamento idealista é subjetivista, não compreende a objetividade, submetendo a realidade a modelos mentais. O idealismo nega a existência da matéria e de sua objetividade.

Além do idealismo subjetivo, existe também a concepção do idealismo objetivo. Reconhece que a matéria existe fora e de forma independente da consciência humana, mas

dependente de outra consciência, o espírito universal. A matéria surge em decorrência da atividade da ideia absoluta. Na realidade, essa consciência universal, descrita pelos idealistas objetivos, constitui a própria consciência humana, porém separada do homem e compreendida como uma consciência absoluta.

Para o materialismo-dialético, matéria é uma categoria filosófica que representa a realidade objetiva, independente da consciência humana e de suas sensações, as quais refletem, copiam e fotografam a realidade.

## 1.1 Tipos de Materialismo

Iovchuc (1981) demonstra o desenvolvimento da concepção materialista no decorrer da história:

Apesar de toda a diversidade e profusão de doutrinas filosóficas materialistas que existiram, desde a antiguidade até os nossos dias, em determinadas fases do desenvolvimento social, todas elas se caracterizaram por substanciais notas comuns que permitem alinhá-las num ou noutro tipo histórico de materialismo.

Os principais traços distintivos que fixam a filiação das doutrinas filosóficas, num ou noutro tipo de materialismo, são:

- O caráter da sua interpretação do mundo, isto é, a solução dada à questão central da filosofia;
- O modo geral de abordar o conhecimento dos fenômenos do mundo (dialético espontâneo, metafísico, dialético) e, em consonância, determinado método do pensamento;
- A sua forma de se vincular às ciências naturais, cujo caráter e nível exercem notável influência sobre o conteúdo da filosofia e, em certa medida, o determinam;
- A relação da doutrina filosófica dada com o regime social da época histórica correspondente, expoente da visão do mundo de uma classe, ou grupo social determinado.

**Pertencem ao materialismo pré-marxista os seguintes tipos, historicamente, formados:**

- O materialismo primitivo dos pensadores da Antiguidade, que incluía uma abordagem espontaneamente dialética dos fenômenos do mundo. Este materialismo era parte integrante de um saber, inicialmente não subdividido e correspondia, em medida considerável, aos interesses das forças avançadas da sociedade escravagista.
- O materialismo metafísico dos pensadores dos séculos XVI, XVII e XVIII e da primeira metade do século XIX que incluía o método metafísico de pensamento. Este materialismo apoiava-se, essencialmente, numa ciência natural mecanicista e expressava a interpretação do mundo da burguesia em ascensão e de outras forças da sociedade que preconizavam o desenvolvimento capitalista.

- O materialismo dos ideólogos da democracia revolucionária do século XIX, na Rússia, e de outros países que passavam do feudalismo ao capitalismo e que, amiúde, coincidiu com um modo dialético de abordagem dos fenômenos do mundo, modo, no qual, os seus seguidores viam a fundamentação teórica das mudanças revolucionárias, mas que não chegou a expressar um método integralmente dialético.

Este último tipo de materialismo apoiava-se em ciências naturais espontaneamente dialéticas e, em alguns casos, nas grandes descobertas logradas pela ciência durante o século XIX. Expressava, vulgarmente, a visão do mundo dos camponeses e de outras forças revolucionárias que condenavam o feudalismo e seus vestígios.

Além destes tipos de materialismo historicamente formados, houve, na história da filosofia, outras modalidades de materialismo. Por exemplo:

- O materialismo panteísta de Giordano Bruno no século XVI;
- O materialismo dos ilustrados chineses nos séculos XV a XVIII;
- O materialismo natural-histórico;
- O materialismo antropológico;
- Outros...

O tipo histórico superior de materialismo e, simultaneamente, a sua forma nova, qualitativamente diferente por princípio de todos os anteriores, é o “materialismo dialético”.

## 1.2 Formas da Dialética

A filosofia se desenvolve com a história humana, da sociedade e da natureza. O pensamento filosófico não estaciona em seu movimento e desenvolvimento. Os tipos de materialismo e as formas da dialética representam o movimento, em ascensão, do conhecimento filosófico.

Vejamos as formas da dialética, em seu desenvolvimento, apresentadas na “História da Filosofia” (IOVCHUC, 1981):

A dialética que surgiu, inicialmente, na filosofia dos pensadores do Antigo Oriente, tendo uma expressão rotunda nas doutrinas de Heráclito e outros filósofos da Antiguidade grega, percorreu um longo caminho.

As principais formas históricas assumidas pela dialética são:

- Dialética espontânea dos pensadores antigos;
- Dialética da filosofia clássica alemã (final do século XVIII e começo do século XIX);
- Dialética materialista.

A dialética espontânea dos pensadores antigos, que numa série de correntes filosóficas daqueles tempos foi materialista, partia do princípio de que o mundo “não foi feito por deuses, nem por homens” (Heráclito), que todas as suas partes se encontram em desenvolvimento e reciprocamente vinculadas.

Mas, a ciência não tinha ainda um conhecimento cabal destas partes do mundo, não as investigara detalhadamente.

A dialética da filosofia clássica alemã (particularmente de Hegel) – fundamentalmente idealista – foi um método sistematizado que considerava o mundo dos conceitos como um processo inter-relacionado e em desenvolvimento que tinha, por origem, a luta das contradições internas. Os expoentes da filosofia clássica alemã, especialmente Hegel, vislumbraram, na dialética dos conceitos, a dialética das coisas, do mundo material.

Além das formas de dialética consignadas, a história da filosofia mostra-nos outros tipos de pensamento dialético que constituíram, ora formas embrionárias da dialética, ora fases intermédias de transição de uma para outra forma de dialética.

Nas doutrinas de alguns pensadores orientais, hindus, chineses, árabes, detectam-se fortes tendências dialéticas, tanto na Antiguidade como na Idade Média.

As doutrinas materialistas dos séculos XVII e XVIII, que pelo seu método de pensamento foram, principalmente, metafísicas, em especial nos sistemas de Bacon, Spinoza, Toland, Diderot, Lomonosov, Radischev e outros ilustres filósofos, encerram valiosos elementos de dialética.

A forma superior histórica da dialética é a dialética materialista, a ciência das leis mais gerais do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento.

A dialética materialista desenvolve e se enriquece, concretizando as suas leis e categorias mediante a generalização dos novos processos de desenvolvimento social e das conquistas da ciência. Forma uma nova fase no progresso do conhecimento científico dialético do mundo.

Torna-se evidente que a concepção de mundo, a própria filosofia, constitui um sistema de representações e conceitos universais em permanente movimento e desenvolvimento.

### **1.3 Matéria**

Geralmente, numa especulação filosófica, a primeira pergunta que fazemos é o que é o mundo? – o que é o universo? A natureza é constituída por uma grande diversidade de elementos com as mais variadas qualidades. Haveria alguma coisa que une todos os fenômenos do universo? Por mais avançado que esteja o conhecimento científico, descobre-se, com o decorrer do tempo, a estrutura complexa dos menores elementos já identificados pelo homem. Novos elementos e fenômenos são conhecidos. O conhecimento parece ser infindável, infinito, seja no micromundo como no macromundo.



Apesar da complexidade do mundo, dos objetos e fenômenos, de suas inúmeras propriedades, o elemento comum, presente a todos eles, é que todos têm existência própria, existem por si só, cada um é um ser. Existir é manifestar sua individualidade na complexidade do mundo. O ser é a existência própria de cada objeto e fenômeno da natureza. A existência, o ser, é a propriedade comum a todos os elementos e fenômenos universais da natureza. O conjunto da existência dos seres é denominado matéria, uma infinidade de objetos e fenômenos concretos, cada qual uma partícula de um mundo material único. A propriedade de existir não depende do que achamos ou pensamos das coisas. A existência, o ser, é algo objetivo, não depende de nós. A matéria não se esgota em suas propriedades e manifestações, portanto, não há limites para o conhecimento. A ciência, continuamente, descobre novas formas de existência da matéria, como a matéria no sentido da física, a antimatéria, a energia, o espaço, o tempo, etc., todas essas formas com existência objetiva, uma realidade objetiva. Matéria é toda a existência objetiva.

#### **1.4 A Consciência**

A matéria possui infinitas propriedades. Dentre elas, uma nossa conhecida é a consciência, uma propriedade da matéria. Consciência não é matéria e sim uma propriedade, porém, não é propriedade de qualquer forma de existência da matéria e sim de uma forma altamente organizada de matéria, o cérebro. A consciência depende do estágio de organização da matéria e, portanto, há vários níveis de consciência em função da organização cerebral. Seria o caso da escala cerebral das diversas espécies de animais, cada uma com uma estrutura própria organizacional do cérebro. O chamado ser humano é o que apresenta, dentro do campo de nosso conhecimento, uma propriedade, uma consciência altamente desenvolvida, por causa da forma altamente organizada de sua matéria cerebral. Não existe consciência sem matéria altamente organizada, mas existe matéria sem consciência.

A consciência é desenvolvida através de um processo em que o indivíduo, com suas características psicobiológicas, vai se posicionar num ambiente sociocultural, moldando, formatando um ser social. É este ser social, em movimento e desenvolvimento, que vai formando a consciência. Os sentidos, as percepções, as sensações e o pensamento fazem parte da consciência, com os quais, nos relacionamos com o mundo objetivo, com a realidade objetiva. Ao mesmo tempo que recebemos os reflexos da realidade, agimos sobre a natureza,

sobre o mundo concreto, transformando-o. A cultura humana é a criação humana socialmente transmitida.

Relacionando matéria e consciência, podemos concluir que matéria é a existência objetiva, é o ser, independente e fora da consciência e que consciência não é matéria, é a propriedade de uma forma altamente organizada de matéria.

## 1.5 O Movimento

O universo se mantém em movimento e em permanente mudança. Nenhum objeto está em repouso absoluto. Pode haver um repouso em relação a uma determinada referência, isto é, o repouso relativo. Os corpos apresentam contínuas mudanças físicas e químicas. O movimento também está presente na sociedade e na natureza orgânica. Espécies substituem outras e, na sociedade, há renovação em diversas áreas, na economia, na cultura, na política, etc. A atividade do conhecimento não cessa. O desenvolvimento das relações sociais vai modificando o homem, suas opiniões, ideias, comportamento, valores morais, estilo de vida, etc.

Matéria e movimento são inseparáveis. É impossível haver matéria sem movimento. Para existir, para ser, é necessário o movimento. Por outro lado, o movimento também não existe sem matéria. A matéria não se destrói, muda de forma. A energia é uma forma de manifestação da matéria, é uma propriedade física da matéria. Não há energia sem matéria.

Chakhnazarov (1985) apresenta as formas fundamentais da existência da matéria, em função da complexidade, na seguinte ordem:

Forma mecânica de movimento – Deslocamento, no espaço, de corpos e partículas materiais;

Forma física de movimento – Movimentos térmicos, elétricos, intra-atômicos e intranucleares;

Forma química de movimento – Combinação e desagregação das moléculas;

Forma biológica de movimento – Funcionamento e desenvolvimento dos organismos;

Forma social de movimento – Processos da vida social e do desenvolvimento da sociedade.

Quando se tenta reduzir formas superiores do movimento da matéria em outras formas inferiores, está se praticando o mecanicismo. Um exemplo deste mecanicismo é o darwinismo social, ao reduzir a forma social em forma biológica.

O movimento absoluto e o repouso relativo são próprios à matéria e representam os momentos do movimento, condicionando a existência da matéria e apresentando as formações materiais particulares no espaço e no tempo. O movimento orienta a mudança constante da matéria, a alteração de seu estado, as mudanças contínuas das formações materiais e o surgimento de novas. Na concepção do materialismo dialético, o movimento orienta uma tendência do material, isto é, o movimento é progressivo, produzindo transformações que levam à passagem do inferior ao superior, do simples ao complexo, caracterizando o desenvolvimento. O movimento é associado ao desenvolvimento. O particular é uma forma universal de existência da matéria.

As diversas formações materiais são sistemas em movimento com relativa estabilidade, agindo umas sobre as outras com mudanças mútuas, mantendo uma correlação e interdependência. Essa relação entre os fenômenos, quando a modificação de um implica em alteração no outro, constitui uma ligação. Quando uma relação entre fenômenos se dá, sem que a mudança de um fenômeno altere o outro, constitui uma relação de isolamento. A relação pode ser de ligação, ou isolamento. Nem toda relação é ligação. Na realidade, os fenômenos do mundo estão ligados e isolados ao mesmo tempo. Há determinadas mudanças de um que provocam mudanças no outro fenômeno, porém, há outras alterações que não influem diretamente no outro. Um exemplo da unidade da ligação e isolamento (separação) é a relação do organismo humano com o meio. Algumas mudanças do meio afetam a atividade vital, outras não. Nestas condições, o organismo demonstra sua relativa autonomia. Enfim, todas as coisas, fenômenos, processos, etc. estão correlacionados e ligados uns aos outros.

## **1.6 Espaço e Tempo**

A matéria existe no espaço e no tempo. São formas universais de existência da matéria. A noção de espaço nos é dada pelas dimensões de um objeto, pelo comprimento, volume, ocupação de uma posição em relação a outros objetos, altura, distância, ou seja, a existência se configura no espaço, sendo o espaço a extensão e a posição dos objetos do

universo. A extensão e a relação das diversas formações materiais particulares com as outras que a cercam formam o espaço.

A matéria tem sua existência no tempo que demonstra a duração dos objetos e fenômenos, uma sequência de fases, uma sucessão ordenada. É a duração e a sequência do existir dos objetos e fenômenos e de suas propriedades. O tempo é a duração de existência das formações materiais e suas relações com as formações antecedentes e posteriores.

Não existe matéria fora do espaço e do tempo, são objetivos e não dependem da consciência. Espaço e tempo também não existem fora da matéria. Além da dependência da matéria, espaço e tempo estão associados, dependendo um do outro. A posição de uma aeronave pode ser determinada pelo tempo e este pela posição. Não existem objetos e fenômenos eternos. Surgem e se transformam, desaparecem, mas a matéria é eterna no tempo, nunca foi criada e jamais será destruída, sendo também infinita no espaço, não em termos geométricos, mas infinita em suas manifestações, em propriedades e estruturas em movimento. A matéria não tem fim no espaço, nem no tempo.

### **1.7 Encadeamento Universal dos Fenômenos**

Os objetos e fenômenos mantêm profundas ligações e condicionamentos entre si. Fenômenos que, aparentemente, se manifestam de forma isolada, na realidade, estão integrados a uma manifestação de um mundo material único. Cada objeto é parte de uma rede de relações universal, uma grandiosa diversidade de relações e integração, entretanto, temos a impressão de manifestações isoladas, casuais, que nos dificultam a compreensão do todo. A importância do estudo científico é tentar identificar as relações mais gerais, as relações regulares, as mais essenciais e necessárias para a compreensão de um fenômeno. Seria impossível precisar todas as relações que interagem com determinado fenômeno, entretanto, é possível identificar uma ordenação natural, uma sequência, uma regularidade e sistematização do desenvolvimento de um fenômeno. Segundo Chakhnazárov (1985), “em qualquer esfera da realidade, existem estreitas ligações objetivas que permitem compreendê-la como um todo único e que determinam o caráter e a tendência do desenvolvimento”. Essas ligações, identificadas como regulares, constituem as leis de caráter científico. A lei tem que possuir um caráter estável e repetitivo, atribuindo aos objetos e fenômenos uma relação objetiva, necessária, essencial e universal. É importante observar que o universo está em permanente

movimento e desenvolvimento. As leis podem ser abrangentes ou restritivas a determinadas situações. As ciências concretas estudam as leis parciais e gerais relativas a seu objeto de estudo. A filosofia estuda as ligações gerais da realidade, as leis universais que regem todos os objetos e fenômenos.

## 1.8 A origem do Movimento

A origem do movimento está nos aspectos contraditórios existentes na natureza. Essas contradições não se manifestam de forma isolada entre si, estando presentes num mesmo fenômeno, constituindo uma unidade. Chakhnazárov (1985) demonstra esses princípios contraditórios, ao verificar que todos os objetos e fenômenos materiais possuem contradições:

O simples movimento mecânico é inconcebível sem os contrários:

Ação e reação;

Atração e repulsão;

Forças centrífugas e centrípetas;

O mesmo acontece com as formas físicas mais complexas do movimento, no qual, a cada passo, encontramos a polarização:

Das cargas elétricas positivas e negativas;

Dos campos elétrico e magnético;

Da substância e do campo;

O átomo consta de dois polos opostos: a carga positiva do núcleo e a envoltura de elétrons com cargas negativas;

O núcleo do átomo é uma unidade de partículas contrárias. Para separá-las, é preciso gastar muita energia;

As formas fundamentais da associação químico-atômica e iônica baseiam-se também numa unidade de contrários.

**Observemos a natureza orgânica. Também aqui se operam, em todos os organismos, processos contrários:**

Assimilação de umas substâncias e eliminação de outras;

Criação e destruição de substâncias vivas;

Assimilação e desassimilação.

**Na sociedade existem, igualmente, forças contrapostas:**

Forças avançadas, revolucionárias e retrógradas, conservadoras.

Contradição é a relação que caracteriza a unidade dos contrários e, ao mesmo tempo, a luta contínua entre eles.

A unidade e luta dos contrários é uma lei filosófica e afirma que a origem do movimento e desenvolvimento, dos objetos e fenômenos, são suas contradições internas.

## **1.9 Transformação da Quantidade em Qualidade**

Todo objeto possui qualidade e quantidade. A qualidade são as características, as propriedades do objeto, possibilitando distinguir um do outro. A quantidade faz referência às suas dimensões, como peso, volume, etc. A qualidade e a quantidade estão conectadas entre si.

As mudanças no aspecto quantitativo podem não afetar a qualidade, mas a partir de determinada intensidade pode provocar uma mudança qualitativa. Como exemplo, é o caso de um sólido que não altera seu estado ao ser elevada a temperatura, apenas aquece, mas a partir de determinada temperatura se funde, o sólido vira líquido e, numa temperatura mais elevada, o líquido se transforma em gás. Nas passagens do sólido para líquido e deste para gás houve mudança de estado, houve mudanças qualitativas a partir da variação da quantidade da temperatura. Queremos dizer que mudanças quantitativas levam a mudanças qualitativas.

Na vida orgânica, um exemplo de mudanças quantitativas em qualidade é a evolução da borboleta, desenvolvendo da larva, passando pela crisálida e alcançando a qualidade de borboleta. Na vida social, na sociedade, as revoluções apontam mudanças na qualidade, em função de processos sociais gradativos.

Esta mudança de qualidade é designada salto. De acordo com Chakhnazárov (1985), “a lei filosófica da passagem das mudanças quantitativas para qualitativas mostra como decorre o eterno processo de renovação do mundo material, os saltos, o fim daquilo que é caduco e o surgimento do novo”.

## **1.10 Do Inferior ao Superior, do Simples ao Complexo**

A vida material está em contínuo desenvolvimento, havendo avanços e progresso. Cada etapa do desenvolvimento nega a etapa anterior, sendo negada, em seguida, pela etapa

posterior. É a negação da negação. Esta não significa destruir todo o passado. Fenômenos mais simples sobrevivem com os fenômenos complexos mais novos. Neste desenvolvimento progressivo, o novo mantém alguns velhos elementos necessários. Os fenômenos, decorrentes de uma negação, mantêm o que é importante e necessário da fase anterior, apesar de revelar algo mais novo e mais rico de conteúdo, demonstrando o caráter progressista, sem estagnação, do desenvolvimento da sociedade, da natureza e do pensamento. Na vida orgânica, a espécie nova herda os traços positivos que foram sendo acumulados pelos antecessores durante o processo evolutivo. Na vida social, a nova sociedade não vem do nada, mas assume valores culturais e materiais produzidos em etapas anteriores do desenvolvimento humano.

A lei filosófica da negação da negação demonstra que o desenvolvimento assume um caráter progressivo, que se manifesta do inferior para o superior em forma ascendente, do simples para o complexo. É um processo cíclico complexo, não retilíneo, mas como um movimento em espiral.

### **1.11 Dialética é a Ciência do Desenvolvimento**

O significado mais antigo da palavra dialética era a arte de provocar uma discussão, identificando as contradições na argumentação do adversário. Hoje em dia, é utilizada, no sentido filosófico, mantendo sua essência, buscando identificar as contradições da realidade. O movimento e desenvolvimento são impulsionados pelas contradições. A dialética se apresenta como método científico do conhecimento e os fenômenos devem ser investigados por meio de suas relações mútuas com a realidade ao seu redor e em desenvolvimento. Permite evitar a unilateralidade, o dogmatismo, enfrentar as contradições da realidade, colocando-nos na busca de novas compreensões e na perspectiva do conhecimento mais profundo e mais completo das múltiplas interligações existentes entre os objetos e fenômenos da vida material.

A dialética pode ser conceituada como a concepção do encadeamento universal e desenvolvimento do mundo, pesquisando as conexões de natureza mais gerais relativas à realidade, como também as características mais gerais do desenvolvimento.

## 1.12 Categorias da Dialética

As categorias da dialética são os elementos básicos que sustentam essa concepção, um conjunto de noções científicas que exprime os encadeamentos mais gerais da realidade em desenvolvimento. As principais categorias da dialética são:

O geral, o particular e o singular;  
 Qualidade e quantidade;  
 Causa e consequência;  
 Necessidade e casualidade;  
 Possibilidade e realidade;  
 Conteúdo e forma;  
 Essência e fenômeno;

Estas categorias da dialética são universais, sendo partes do conteúdo do método de investigação científica. A realidade tem um caráter dialético, o que requer conhecimento das leis e categorias da dialética. O pensamento dialético concebe a complexidade do mundo.

## 1.13 O Geral, o Particular e o Singular

O geral e o particular estão interligados. O geral está no particular. Este está, ao mesmo tempo, no geral, ou seja, o geral está no particular e o particular está no geral. No mundo, não existem dois objetos ou fenômenos perfeitamente iguais. Há diferenças entre eles. Por outra parte, não há objetos ou fenômenos que não tenham algo em comum. Quando falamos do ser “homem”, estamos generalizando, nos referindo a algo comum que os une, o ser humano. Quando nos referimos a um homem concreto, verificamos particularidades que o distingue dos demais homens. Queremos dizer que algum aspecto do ser humano, o geral, está no homem concreto e que o homem concreto, o particular, o Joaquim, possui algum aspecto do ser humano. Cada árvore tem suas particularidades, mas há algo comum que as tornam árvores, todas são árvores. Ser árvore é algo que as une todas, é o geral. A materialidade, o ser, o existir, é algo geral, inerente a todos.



Por meio das categorias dialéticas do geral e particular, é possível compreender o mundo, o universo, em sua diversidade e unidade. O singular são as propriedades e ligações próprias de uma determinada formação material (coisa, processo, objeto) e não existentes em outras formações. Em cada formação material particular, além do singular, daquilo que não se repete, existe também aquilo que se repete em outras formações, o geral, propriedades e ligações que se repetem em outras formações materiais. Desta forma, não existe a independência do singular em relação ao geral, mas se manifestam através dos momentos e aspectos das formações materiais particulares. A formação material particular expressa a unidade daquilo que se repete e do que não se repete, a unidade do singular e do geral.

No processo de movimento e desenvolvimento das formações materiais, é possível a transformação do singular em geral e do geral em singular. Um exemplo destas transformações acontece com plantas quando transplantadas para regiões diferentes. Favas com pelos, excepcionalmente sem pelos, modificando para favas sem pelos, excepcionalmente com pelos, em outras regiões.

Quando se busca a semelhança (identidade) e a diferença entre as formações materiais, é necessário considerar o particular e o geral. A diferença entre os objetos é o particular, enquanto a semelhança é expressa pelo geral. O singular é sempre particular, já que distingue uma formação material de outra, por ser único numa determinada formação material. Como exemplo de geral e particular, podemos considerar os países do Leste Europeu que fizeram a passagem para o socialismo. O geral, entre esses países, é que a organização política tinha a forma de democracia popular. Comparando um desses países do Leste Europeu com a União Soviética, a democracia popular deixa de ser o geral, passando a constituir o particular dos países do Leste, pelo fato da organização política da URSS assumir a forma de República dos Soviets. Assim sendo, é possível, em determinadas condições, o geral assumir o particular.

Considerando o movimento incessante da matéria, a correlação entre o geral e o particular, de uma formação material associada a um único e mesmo estágio de desenvolvimento, assume significado diferente. Nestas condições, o geral, a semelhança, a identidade, é a essência da formação material. O particular teria pouca influência sobre a essência. Considerando as formações materiais em diferentes estágios (inferior e superior) de desenvolvimento, o geral (semelhança - identidade) não caracteriza a essência dessas formações. A comparação das formações é baseada na diferença, ou seja, o particular é o essencial.

### 1.14 Qualidade e Quantidade

Qualidade é o conjunto das propriedades que apontam o que uma formação material representa e o que ela é. Representa a unidade do geral e particular, do singular e geral. A qualidade, além de indicar as propriedades que apontam as diferenças entre as coisas, indica também as propriedades que apontam a semelhança entre elas. Como exemplo, a água constituída de hidrogênio e oxigênio, com suas características de dissolver certas substâncias, de matar a sede, demonstram o que ela representa e o que ela é.

A quantidade é o conjunto das propriedades que expressam as dimensões, a grandeza da coisa. No exemplo da água, as propriedades que demonstram seu volume e peso caracterizam sua grandeza.

A coisa é caracterizada por uma infinita quantidade de propriedades diferentes, propriedades que indicam qualidade e quantidade. Alguns autores defendem que cada coisa possui uma única qualidade, entretanto, não é essa a teoria mais aceita. Na realidade, a coisa não manifesta todas as suas qualidades de uma só vez. Dependendo das diversas relações e das condições concretas, são manifestadas propriedades diferentes. Pelo visto, existe uma multiplicidade das qualidades das coisas.

Há uma lei da dialética sobre a passagem das mudanças quantitativas às qualitativas e vice-versa. Qualidade e quantidade não são independentes. As alterações quantitativas não afetam a qualidade dentro de certos limites, num determinado quadro. Esses limites expressam a medida. Quando as mudanças quantitativas extrapolam os limites dessa medida, provocam mudança qualitativa. Surge uma nova medida para a nova qualidade. O gelo, ao atingir 0°C, transforma-se em água, adquirindo nova qualidade e nova medida. A 100°C, ele deixa de ser água, transformando-se em vapor. O momento da passagem para a nova qualidade é denominada nó. A passagem, de uma qualidade a outra, representa a passagem de uma medida a outra. Há a destruição da medida anterior, surgindo uma nova. Assim sendo, a matéria apresenta uma linha nodal, vários nós, ou momentos de mudança em sua qualidade. A mudança qualitativa é provocada pelas mudanças quantitativas, ao ser destruída a medida da qualidade, fazendo surgir uma nova. Também acontece o contrário, a influência da mudança qualitativa na quantidade. A água ao mudar de qualidade, sendo transformada em vapor, altera a sua medida, altera o seu volume. O volume da água é diferente do volume de seu vapor.

Em relação ao conhecimento humano, o processo parte da realidade, de uma determinada qualidade para a quantidade, dos efeitos apresentados para o conhecimento de suas causas.

As mudanças quantitativas se processam de forma lenta e contínua, mudanças graduais, enquanto as qualitativas são bruscas, provocando mudanças com ruptura de continuidade na formação material. As mudanças qualitativas são denominadas saltos, ou seja, passagem de um estado qualitativo a outro com ruptura de continuidade. Devido à imensa variedade de formações materiais, há também infinitas formas de salto. Todas as formas de salto se resumem em dois tipos de salto: saltos-ruptura e saltos graduais.

O salto-ruptura por ser brusco, atinge a qualidade em seu conjunto, atingindo todos os aspectos e ligações. A explosão da dinamite faz desaparecer a substância inicial, fazendo aparecer novas substâncias.

No caso do salto gradual, realizado de forma lenta, há um enfraquecimento dos elementos da qualidade anterior com acumulação gradual dos elementos que vão compondo a nova qualidade. São os casos das novas espécies vegetais e animais. Podem durar milhares, ou milhões de anos. A qualidade vai se modificando aos poucos, gradualmente.

A formação material possui uma qualidade fundamental e várias qualidades não fundamentais. O salto que leva à modificação da qualidade fundamental destrói o fundamento qualitativo presente, alterando a essência da formação material. O salto que modifica as qualidades não fundamentais da formação material não afeta o fundamento qualitativo, mas mudanças qualitativas nos limites da essência. A qualidade expressa as propriedades particulares da coisa.

### **1.15 Causa e Consequência**

Causa e consequência são categorias dialéticas presentes em todas as esferas da realidade. O encadeamento de causas e consequências não é algo simples, pois, dependendo das condições, uma causa pode gerar consequências variadas. É possível também que um fenômeno tenha causas diversas. Quando um fenômeno provocar outro, o primeiro é denominado causa e o segundo consequência. Não é possível fenômenos e acontecimentos sem causa.

A identificação das causas está associada com o nível do conhecimento científico. Causas, hoje desconhecidas, podem ser identificadas posteriormente. O encadeamento complexo de causas e consequências orienta o processo de desenvolvimento e a interação dos fenômenos da realidade. É importante observar que causas e consequências podem se permutar, isto acontecendo quando um mesmo fenômeno pode ser causa e consequência simultaneamente. Como exemplo, a revolução francesa de 1789 foi consequência do desenvolvimento do capitalismo dentro do feudalismo, sendo, ao mesmo tempo, causa da consolidação do próprio capitalismo.

O materialismo dialético não reduz a causa às ações exteriores que geram mudanças nos fenômenos sujeitos a essa ação, mas investiga o próprio fenômeno, sua natureza interna. Fenômeno pode ser entendido como um corpo, uma formação material, uma coisa, como também nossa percepção da coisa, a manifestação da essência da coisa à superfície, externamente. Na realidade, a causa e efeito são interações. De acordo com Cheptulin (2004):

Parece-nos mais correto definir a causa como interação de dois ou mais corpos, ou ainda, como a interação de elementos ou aspectos de um mesmo corpo acarretando certas mudanças nos corpos, elementos ou aspectos, agindo uns sobre os outros, e o efeito como as mudanças surgidas nos corpos, elementos e aspectos agindo uns sobre os outros, em decorrência de sua interação.

A interação conduz à modificação dos corpos ou aspectos em interação, assim como ao aparecimento de novos fenômenos e à passagem de um estado qualitativo a outro.

A causa da incandescência de filamento de uma lâmpada elétrica não é a corrente elétrica que a atravessa, mas a interação da corrente elétrica com a substância da qual é feito o filamento.

Existe um laço necessário, um caráter de necessidade, entre a causa e o efeito.

### **1.16 Necessidade e Casualidade (contingência)**

Há uma ligação entre a necessidade e a casualidade. A necessidade tem um caráter de obrigatoriedade, de importância, explicitando algo essencial. A casualidade não é fundamental num determinado processo, podendo se manifestar ou não. A casualidade se manifesta na forma de revelação, como complemento da necessidade. A necessidade se relaciona com leis objetivas que, em determinadas condições, levam a um resultado evidente. Krássine (1985) exemplifica bem a questão da necessidade e casualidade:

Tendo caído, no solo, a semente germina. O processo do desenvolvimento da planta obedece às leis da biologia. É um processo indispensável, mas a sua realização concreta depende sempre de uma multidão de circunstâncias casuais: uma semente caiu em solo fértil, outra em solo árido. Uma planta tem abundante calor e umidade, cresce rapidamente e dá frutos. A outra se estiola e morre.

Vários casos de pesquisas científicas, com objetivo específico, tiveram revelados fenômenos não esperados. Em outros casos, fenômenos se manifestam sem qualquer programação, como a descoberta da radioatividade do urânio, quando sal de urânio foi guardado num armário, junto com uma chapa fotográfica.

Toda formação material é, simultaneamente, necessária e contingente. Necessidade e contingência estão sempre juntas num determinado fenômeno. A necessidade é condicionada pela natureza da formação material, pelas propriedades e ligações condicionadas por causas internas. Outras propriedades ficam condicionadas às causas externas ao fenômeno, pela interação com o meio ambiente. Essas propriedades são geradas pela existência, pela interação com o meio ambiente e com outras formações materiais. Como exemplo, cada animal tem sua natureza interna própria, aspectos e ligações internas necessárias. A sua relação com o mundo exterior, com o meio ambiente e demais formações materiais, faz gerar outras propriedades adaptativas, contingentes. A contingência é uma forma de manifestação da necessidade, complementa a necessidade, mantendo uma correlação orgânica e interdependente.

Durante o movimento e desenvolvimento de uma formação material, é possível o necessário transformar-se em contingente e vice-versa. É o caso de determinados organismos aquáticos em sua adaptação à vida na terra. Foram necessários órgãos para captar o oxigênio do ar. Por outra parte, as brânquias necessárias para a vida na água passaram a ser contingentes, perderam sua utilidade em terra, desaparecendo com o tempo.

### **1.17 Possibilidade e Realidade**

O surgimento e o desenvolvimento dos fenômenos e objetos são compreendidos através das categorias dialéticas da possibilidade e realidade. Para que possam surgir e se desenvolver, passando a ser uma realidade, são exigidas certas condições, ou seja, estas expressam a possibilidade do surgimento. Durante o processo de desenvolvimento, geralmente, surgem várias possibilidades, mas somente uma pode ser realizada. Iovchuc (1981) exemplifica:

O conjunto das condições representa a possibilidade de surgimento do objeto.

Há três ou quatro séculos, nas condições da sociedade feudal, era impossível passar ao socialismo, porque não havia as condições para isso. A possibilidade da transição ao socialismo somente apareceu com o desenvolvimento do capitalismo.

Geralmente, no processo do desenvolvimento surge não uma, mas várias possibilidades.

Ao terminar o curso escolar, o graduando encontra-se perante o problema de qual das possibilidades deve escolher. Contudo, a amplitude dessas possibilidades não é, de modo algum, ilimitada. No nosso exemplo, limita-se pelo nível de formação, pela vocação e aptidões do graduando.

As possibilidades são várias, mas só se realiza uma dessas possibilidades.

Qual delas? Depende das condições do desenvolvimento e, na vida social, depende, num grau decisivo, de partidos, pessoas, da sua iniciativa, atividade, capacidade de compreender e escolher a possibilidade mais favorável e realizá-la.

A possibilidade não existe na realidade. São formações materiais, propriedades, estados, que poderiam se manifestar pela capacidade de transformação das coisas materiais. Ao ser realizada uma possibilidade, ela se transforma em realidade, assume existência real. A possibilidade é uma realidade potencial. A realidade é uma possibilidade realizada.

A possibilidade somente se transforma em realidade em determinadas condições, exigindo a presença de um conjunto de fatores necessários. Obtendo-se o conhecimento da possibilidade, é possível influir no processo de sua transformação em realidade, criando-se as condições exigidas para acelerar, ou retardar a transformação.

Cheptulin (2004) apresenta alguns tipos de possibilidades, tais como: reais, formais, abstratas, concretas, reversíveis, irreversíveis, coexistentes, excludentes, possibilidade de fenômeno e possibilidade de essência. Considerando que cada formação material representa uma unidade da quantidade infinita de vários aspectos e tendências contrárias, ela apresenta também quantidade infinita de possibilidades diversas.

Possibilidades reais são aquelas que são condicionadas por ligações e aspectos necessários, como também por leis de funcionamento e desenvolvimento da formação material. Como exemplo, a possibilidade de revolução socialista em país capitalista.

Possibilidades formais são aquelas que são condicionadas por ligações e relações contingentes, não necessárias. Seria o caso da transformação de um operário em empresário capitalista.

A possibilidade é concreta quando, num determinado momento, existirem as condições requeridas para a sua realização.

A possibilidade é abstrata quando, num determinado momento, não existirem as condições requeridas para a sua realização.

A possibilidade é reversível quando a realização de uma possibilidade permite a possibilidade de retornar à qualidade anterior. É o caso da energia mecânica transformada em calor. É possível o calor gerar energia mecânica.

A possibilidade é irreversível quando a realização de uma possibilidade não admite a possibilidade de retornar à qualidade anterior. A transformação da energia química do carvão em eletricidade não admite a possibilidade de se transformar a eletricidade em carvão.

Possibilidade coexistente, em relação à outra possibilidade, é quando sua realização não elimina a outra possibilidade. Alguém que se torna camponês, e que vai à falência, pode se tornar um trabalhador agrícola assalariado.

Possibilidade excludente, em relação à outra possibilidade, é quando a sua realização elimina a outra possibilidade. Em alguns países, quem se torna aviador militar da ativa não pode trabalhar como piloto comercial em empresas privadas.

Possibilidade de fenômeno é aquela que, cuja realização, não altera a essência da formação material. Como exemplo, a luta de trabalhadores por aumento salarial não modifica a essência social do trabalhador.

Possibilidade de essência é aquela que, cuja realização, altera a essência da coisa, provocando transformação da formação material. Uma revolução socialista, em país capitalista, produz alteração na essência do regime socioeconômico do país.

### **1.18 Conteúdo e Forma**

Conteúdo e forma não podem existir isoladamente. O conteúdo de um objeto é composto de vários elementos e processos. Esses elementos não estão postos aleatoriamente, seguindo um determinado ordenamento que gera uma estrutura própria, uma forma interior. No processo de desenvolvimento, a mudança do conteúdo provoca a alteração da forma. Como exemplo, o processo de fecundação e o desenvolvimento do ovo.

Segundo Krássine (1985), “no processo de evolução das espécies biológicas, primeiramente, mudaram-se, sob a influência de condições exteriores, as funções vitais de vários órgãos e, a seguir, a sua morfologia”.

Todos os elementos, aspectos e processos do conteúdo se interagem constantemente, em permanente movimento. Tais processos são próprios à coisa, alguns referentes ao domínio interno da coisa e outros ao domínio externo. Tomando o ser humano como exemplo, há processos próprios que se desenvolvem internamente, mas existem também processos externos, aqueles conectados ao mundo exterior, à sociedade, ao meio ambiente. O conteúdo de um objeto é constituído pelas interações entre elementos e aspectos internos e pelas ações deste objeto sobre outros, externamente. O conteúdo está conectado ao movimento absoluto, próprio das formações materiais, pelo fato de expressar um conjunto de processos e mudanças.

A forma é a estrutura do conteúdo com seus processos internos e externos, com penetração no domínio interior e exterior da coisa, do objeto, na essência e fenômeno. A forma e o conteúdo mantêm uma correlação orgânica. Há uma dependência mútua. O conteúdo é determinante na relação forma-conteúdo. Mudanças no conteúdo conduzem mudanças na forma, entretanto, a forma exerce uma reação sobre o conteúdo, desenvolvendo-o, ou atuando como freio de seu desenvolvimento. A forma representa um repouso relativo, constituindo um sistema de estabilidade relativa das ligações dos elementos do conteúdo.

A luta entre o conteúdo e a forma conduz ao desenvolvimento da matéria. Num determinado momento, a forma corresponde ao conteúdo, permitindo-lhe plena expansão. Com o desenvolvimento do conteúdo, em outro momento, a forma passa a refrear este desenvolvimento e o conteúdo começa a rejeição de sua antiga forma e moldando uma nova. Neste processo de destruição da forma antiga, verifica-se uma mudança de qualidade no conteúdo. Várias interações e processos são eliminados, surgem novos, enquanto outros sofrem mudanças na forma. As novas formações materiais, advindas deste processo, adquirem nova estrutura (forma) e novo conteúdo, apresentando uma qualidade diferente das formações materiais anteriores.

O conteúdo, o todo, pode ser decomposto em partes, qualitativamente isoladas. Há uma correlação das partes com o todo, o qual detém propriedades próprias, diferentes das propriedades das partes. Uma formação material se manifesta como um todo e dividido em partes. Cheptulin (2004) apresenta o seguinte exemplo:

A molécula da água, enquanto todo, é constituída por um átomo de oxigênio e por dois átomos de hidrogênio. Na molécula da água, ao redor do núcleo de oxigênio, gravitam dez elétrons, sendo que a primeira camada conta com dois elétrons e a segunda camada com oito. Dentre esses oito elétrons, quatro gravitam unicamente ao redor do núcleo do átomo do oxigênio e os quatro outros são comuns: dois com um átomo de hidrogênio, dois com o outro; eles gravitam não somente ao redor do núcleo



do átomo de hidrogênio. Em decorrência disso, na molécula da água, os átomos de oxigênio e de hidrogênio estão organicamente ligados e formam um todo único que possui uma nova qualidade distinta daquelas do oxigênio e do hidrogênio. Cada átomo e cada elétron que entra na molécula da água, sendo uma parte do todo, não se perde nesse todo, não se funde com sua qualidade, mas conserva seu determinismo qualitativo específico, possui uma certa autonomia e independência, o que lhe permite ocupar um lugar determinado no todo e desempenhar um papel bem definido. A molécula representa, portanto, um todo desmembrado complexo que inclui certas partes, tendo seu próprio conteúdo específico. Mas seu conteúdo específico, seu papel específico no todo é determinado não somente pela sua natureza específica, mas igualmente pela natureza geral do todo. Por outro lado, a natureza geral do todo, no caso da molécula, depende da natureza específica de suas partes constitutivas e, em particular, dos átomos.

A correlação das partes, em seu conjunto, constitui a necessária estrutura do todo, forma de correlação e união dos elementos do todo, o modo de ligação desses elementos. As partes se relacionam com o todo e quando se relacionam entre si definem o modo das ligações dos elementos da estrutura. Segundo Cheptulin (2004), “as partes do todo não são somente os elementos que se encontram numa certa relação, mas as próprias correlações entre os elementos, isto é, a estrutura”. Daí a distinção entre parte e todo, elemento e estrutura, relacionados ao conteúdo.

### **1.19 Essência e Fenômeno**

Essência é o conjunto das ligações e aspectos (características) internos necessários de uma formação material, constituinte da natureza da coisa. A essência abrange aspectos fundamentais e não fundamentais. O fundamento é parte da essência e expressa ligações e aspectos principais, necessários, determinantes da formação material. Os aspectos não fundamentais, a outra parte da essência, são as ligações e aspectos necessários que não são principais.

Fenômeno é o conjunto de aspectos exteriores das propriedades de uma formação material, forma de manifestação da essência, permitindo-nos identificar suas dimensões, cor, etc. É o aparente, o superficial. Tais características externas de um objeto, o fenômeno, expressam a sua essência. Fenômeno e essência são inseparáveis. Apesar de expressar a essência, o fenômeno se difere dela, deformando-a, devido à interação do objeto com outros do meio exterior, provocando modificações no conteúdo. Pelo fato do fenômeno deformar a essência, sua percepção dificulta o conhecimento objetivo da essência. Podemos dizer que o conteúdo do fenômeno é constituído pela essência e por sua interação com os objetos

externos, ambiente em constante modificação, o que conduz a um conteúdo flutuante, variável, enquanto a essência é relativamente estável, é mantida com as mudanças. Um exemplo de fenômeno flutuante e essência estável são os preços e o valor. Os preços se modificam constantemente, em função do mercado, enquanto o valor, a quantidade de trabalho socialmente necessário da mercadoria se preserva por longo tempo.

Entretanto, considerando a essência estável em relação ao fenômeno, ela também se modifica. Isto está relacionado ao movimento e desenvolvimento das formações materiais. O capitalismo tem passado por várias fases, como o período concorrencial e o monopólio. Apesar das alterações em sua essência, a natureza do capitalismo é mantida.

## 1.20 Lei

Lei são relações e ligações necessárias gerais que se manifestam em determinadas condições, caracterizadas por estabilidade e repetição. Existem leis parciais (específicas, ou particulares) e gerais que são estudadas pelas ciências concretas, enquanto as leis universais são estudadas pela filosofia. Como exemplo de lei, podemos citar a lei econômica do valor, quantidade de trabalho abstrato socialmente necessária materializada no produto, presente onde houver produção mercantil.

Apesar de a lei ser a expressão de ligações necessárias, nem todas são leis. Para ser lei, tem que ser uma ligação necessária geral, abrangente a vários fenômenos e estável. É o caso da consciência humana condicionada pelo ser social, perdurando esta lei através da existência da sociedade humana.

Existem leis dinâmicas e estatísticas. As dinâmicas são aquelas que atuam nos fenômenos relacionados a certo domínio da realidade. Neste caso, temos o exemplo da lei de Ohm, na eletricidade, definindo que a corrente elétrica depende da voltagem aplicada ao circuito e da resistência do condutor. As leis dinâmicas possibilitam a previsão, com certo grau de precisão, do aparecimento de um fenômeno, como também a alteração de seu estado e propriedades. As leis que atuam somente na massa dos fenômenos são denominadas de leis estatísticas. Não possibilitam a previsão exata do surgimento de fenômenos. A lei de Boyle-Mariotte que expressa, a temperatura constante, a redução do volume de um gás pelo aumento da pressão é uma lei estatística. É válida somente para a massa das moléculas do gás, não tendo validade para a molécula única, a molécula isolada.

Algumas leis são gerais e abrangem um grande número de fenômenos, enquanto outras são específicas (parciais, ou particulares), abrangendo um número mais restrito, entretanto, leis gerais e específicas são relativas. Uma mesma lei pode ser geral, ou específica, dependendo do círculo de fenômenos a que se refere. Como exemplo, a lei do valor é particular ao se referir à produção mercantil, mas torna-se geral quando relacionada com a lei da mais valia, lei específica da produção mercantil capitalista.

As leis gerais podem se manifestar de forma autônoma, ou através de leis particulares. Quando as leis gerais e as leis particulares se referirem às mesmas ligações e relações, a lei geral pode se manifestar através da lei particular. Quando expressarem ligações e relações diferentes, atuam e existem de forma autônoma.

As leis universais da dialética se manifestam por meio de leis particulares em relação a elas. É o caso das mudanças quantitativas em qualitativas e vice-versa relacionadas com o fenômeno concreto, ou seja, as leis universais atuam no fenômeno concreto, em todos os campos do movimento da matéria, mas não podem agir de maneira autônoma e sim através de leis específicas.

### **1.21 Lei da Unidade e Luta dos Contrários**

A contradição é a fonte que faz desenvolver a força motora que promove o avanço e condiciona o trânsito das formações materiais de um determinado estágio de desenvolvimento para outro. A contradição são os contrários, as relações, os aspectos que possuem sentidos opostos de transformação, constituindo a luta dos contrários. Os contrários tendem à exclusão recíproca, uma luta permanente, mas coexistem, dependendo um do outro, constituindo a unidade dos contrários. Contradição é a unidade e luta dos contrários. Como exemplos, podemos citar o singular e o geral, a forma e o conteúdo. O singular é caracterizado pela tendência da não repetição, enquanto o geral tem a tendência da repetição. A variação é uma tendência do conteúdo, enquanto a forma, relativamente estável, resiste às flutuações do conteúdo. Toda forma possui um conteúdo, todo conteúdo possui uma forma.

Os contrários de uma formação material possuem uma mesma essência, como o polo norte e sul, como o sexo masculino e feminino, diferenças da mesma espécie, diferenças da mesma essência. De acordo com Cheptulin (2004), “os contrários, sendo aspectos diferentes

de uma única e mesma essência, não apenas excluem-se uns aos outros, mas também coincidem entre si e exprimem não apenas a diferença, mas também a identidade”.

Uma das formas da identidade dos contrários é a sua equivalência, a equivalência dos contrários, manifesta nos estágios de seu desenvolvimento quando existe determinado equilíbrio entre as forças contrárias. É uma fase de maturidade da contradição, havendo o equilíbrio de forças num momento de luta aguda.

Outro momento é a resolução da contradição, um ponto nodal do desenvolvimento, havendo a transição para outro estado de qualidade da formação material. É o momento da manifestação da identidade dos contrários, quando se tornam idênticos, transformando-se um no outro.

Observamos que a unidade dos contrários é sempre relativa, temporária, surgindo em determinadas condições, sendo destruída e substituída por outra unidade, em função da luta absoluta dos contrários, da luta permanente dos contrários, luta presente em todos os estágios da unidade. A unidade dos contrários está relacionada ao repouso relativo (caráter relativo), enquanto a luta dos contrários ao movimento absoluto (caráter absoluto).

A contradição tem sua origem nas diferenças, havendo uma diversidade de relações e ligações existentes na realidade objetiva, como as relações de concordância, harmonia e correspondência, ainda que o caráter de contradição seja universal. Existem diferenças essenciais e internas do fenômeno que não constituem contradições, existindo também diferenças não essenciais, externas, que podem ser contradições. Domínio interno e essência não determinam as contradições. Segundo Cheptulin (2004),

Não é nem o fato de pertencer ao domínio interno, nem o caráter essencial das diferenças, que faz delas contradições (porque as contradições não são somente internas, mas também externas, não somente essenciais, mas também não essenciais), mas sim o fato de que essas diferenças podem relacionar-se a tendências opostas da mudança desses ou daqueles aspectos em interação. Apenas os aspectos diferentes que têm tendências e orientações de mudança e de desenvolvimento diferentes encontram-se em contradição”.

Essas diferenças, com tendências e orientações à mudança e desenvolvimento diferentes, assumem um estado de luta, transformando-se em contrários em seus processos de desenvolvimento, fase inicial das contradições. Os graus de desenvolvimento da contradição poderiam ser considerados da seguinte forma: uma diferença não essencial se desenvolve em diferença essencial; em determinadas condições, as diferenças essenciais constituem os contrários; em seu desenvolvimento, com o conflito dos contrários, as contradições atingem um estágio extremo, os contrários passam a ser idênticos, atingindo a resolução das

contradições e a formação material alcança outro estado qualitativo, apresentando novas contradições. Enfim, apreciamos o caráter da contradição da essência das formações materiais, da sua natureza, ou seja, a contradição como forma universal do ser. Em toda formação material manifesta-se a contradição, a unidade e luta dos contrários. Cheptulin (2004) exemplifica diversas contradições:

Em particular, para toda a sociedade, a contradição entre a produção e o consumo é um fato; para a sociedade de classes, há também a contradição entre as diferentes classes; para o pensamento, há a interação da análise e da síntese; para a atividade nervosa superior, há a excitação e a inibição, a irradiação e a concentração de estímulos. No organismo vivo, desenvolvem-se, permanentemente, processos contraditórios de absorção e rejeição, de hereditariedade e mutações; na molécula, há processos de atração e repulsão; no átomo, há a interação dos elétrons e dos prótons, dos elétrons e dos pósitrons, dos prótons e dos antiprótons; a própria partícula “elementar” representa, igualmente, a unidade dos contrários e, em particular, o elétron é caracterizado como unidade de onda e do corpúsculo, e assim também é o caso do fóton, unidade de energia luminosa. Na mecânica, encontramos a ação e a retroação; na eletricidade, a carga negativa e a positiva; no magnetismo, o polo norte e o polo sul; na matemática, o mais e o menos, etc.”.

A contradição, interação dos aspectos (características) e das tendências contrárias, é a origem do movimento e do desenvolvimento.

Há vários tipos de contradições consideradas universais, presentes em todas as formas de existência da matéria. Em cada formação material, há inúmeras contradições, sendo agrupadas em internas e externas, essenciais e não essenciais, fundamentais e não fundamentais, principais e secundárias.

Contradições internas são as interações de tendências ou aspectos opostos de uma determinada formação material. Como exemplo, a contradição entre consumo e produção de uma sociedade. As contradições internas, em função de seu desenvolvimento e solução, têm grande importância na mudança da qualidade das formações materiais.

Contradições externas são as interações de tendências e aspectos opostos de formações materiais diferentes. Exemplo: Elétron e pósitron. Podem influir nas contradições internas através de influências positivas (correspondendo às contradições internas), ou negativas.

Contradições essenciais são as interações de tendências e aspectos opostos, característicos da essência de uma formação material. Essas contradições repercutem sobre a essência. São subdivididas em: contradições fundamentais e não fundamentais. Exemplo de contradições essenciais: as contradições entre as relações sociais de produção e o desenvolvimento das forças produtivas são essenciais.

Contradições não essenciais são as interações de tendências e aspectos opostos de ligações e relações contingentes de uma formação material. Essas contradições não afetam a essência. Exemplo: contradições entre partidos políticos, do mesmo campo ideológico, podem ser não essenciais.

Contradições fundamentais “são aquelas que determinam o estado e desenvolvimento dos aspectos mais ou menos essenciais da formação material e desempenham esse papel em todas as etapas de sua existência e de seu funcionamento” (CHEPTULIN, 2004). Ex: Contradição da interação entre a absorção e a rejeição nos organismos vivos.

Associada à contradição fundamental, existe também a contradição principal que atua somente num estágio de desenvolvimento, somente numa etapa da existência e funcionamento de uma formação material.

Contradições não fundamentais são aquelas que caracterizam um dos aspectos da formação material, condicionam o funcionamento e o desenvolvimento de um domínio qualquer dos fenômenos” (CHEPTULIN, 2004). Ex: Contradição entre a quantidade de germes gerados no organismo e quantos sobrevivem.

Ao lado das contradições universais, existem aquelas específicas ao domínio de determinado fenômeno e relacionadas com as formas de movimento da matéria. Podemos citar as contradições referentes à natureza inanimada, natureza vegetal, animal e à sociedade humana.

As contradições relacionadas com a vida social podem ser agrupadas em antagônicas e não antagônicas. As antagônicas estão associadas às classes e grupos sociais com interesses contrários. A resolução de uma contradição antagônica conduz à destruição e desaparecimento da unidade, gerando saltos no estado qualitativo. Ex: Contradições no feudalismo, entre senhores feudais e servos, levaram à extinção da servidão.

As contradições sociais não antagônicas se associam em torno de interesses comuns em se tratando de aspectos fundamentais da existência, mas manifestando interesses contrários em questões consideradas particulares, não fundamentais. A resolução das contradições não antagônicas não destrói o estado qualitativo, mantendo a unidade dos contrários. Ex: Contradições dentro da classe trabalhadora entre ramos de atividade.

## 1.22 Lei da Negação da Negação

A negação é um momento do processo de desenvolvimento das formações materiais. Os contrários podem se mudar um pelo outro, atingir formas superiores, condicionar a resolução de uma contradição, anular um estado qualitativo anterior e criando um novo, ou seja, o surgimento do novo estado qualitativo representa a negação do estado anterior.

A negação pode conduzir a passagem do inferior ao superior e também do superior ao inferior, a negação relacionada com o movimento circular, ou de regressão. Existem, portanto, a negação dialética, própria dos processos evolutivos, e a negação não dialética, própria do movimento circular e mudanças regressivas. A morte de um organismo vivo envelhecido é decorrente de uma negação não dialética, pois não conduz a passagem do inferior ao superior.

A característica da negação dialética é que ela promove a ligação do inferior com o superior, sendo consequência de um processo evolutivo e resolução de contradições de certas formações materiais que são negadas, transpondo o conteúdo positivo do estado qualitativo negado para o novo estado qualitativo. Esta nova formação possui um conteúdo mais rico, porque além de manter, de forma anulada, o conteúdo positivo da formação anterior, outras coisas surgem na passagem ao novo estágio. Segundo Cheptulin (2004), “no processo da negação dialética de algumas formações materiais por outras, produz-se um movimento não somente do inferior ao superior, mas do conteúdo menos rico, limitado e, num certo sentido abstrato, para um conteúdo mais rico, diversificado e concreto. Esse movimento do processo evolutivo, das formações de conteúdo menos rico para as de conteúdo mais rico, o movimento do abstrato ao concreto, torna-se uma lei universal, presente na natureza, na sociedade humana e no conhecimento. No processo do conhecimento, é o método da ascensão do abstrato ao concreto, fundamento do princípio da lógica dialética.

Em determinadas condições, é possível que um fenômeno se transforme em seu contrário, podendo transformar-se, novamente, em seu contrário no curso de outras negações, aparentando retornar ao seu estágio inicial. Há uma repetição do estado que já tinha sido transposto, porém, sobre uma base mais elevada, por ter acumulado, sob forma anulada, um conteúdo positivo em seu processo de desenvolvimento, tendo passado por vários estados qualitativos superiores, como também pelo seu contrário. A essência da lei da negação da negação é, exatamente, essa repetição do transposto no processo de negação numa nova base superior. O conteúdo dessa lei é a expressão de uma particularidade do processo evolutivo.

A manifestação mais simples dessa lei é a volta ao estado inicial, a repetição do transposto numa nova base superior, através de duas negações. Por meio de uma negação, o fenômeno transforma-se em seu contrário e a próxima negação (a segunda) transforma o novo fenômeno em seu contrário, retornando ao estado inicial numa nova base. Exemplo de duas negações acontece com o grão que vira planta e esta fornece novos grãos (grão - planta - grão). Outro exemplo é a borboleta - crisálida - borboleta.

O retorno ao estado inicial, a repetição dos graus de uma etapa transposta sobre nova base, pode ocorrer através de várias negações, não necessariamente por meio de duas negações, devido a que um fenômeno, inicialmente, pode atingir estados qualitativos mais elevados, antes de se transformar em seu contrário, exigindo-se diversas negações. O número de negações depende das características da formação material. Cheptulin (2004) exemplifica um processo de oito negações:

Quando da passagem do lítio, cujas propriedades metálicas são claramente definidas, ao berílio, observamos a transformação do fenômeno, não em seu contrário, mas num outro estado qualitativo. O berílio apresenta muitos traços comuns ao lítio e, em particular, às propriedades metálicas, embora essas sejam menos claras no berílio do que no lítio. Também não há transformação em seu contrário, quando da passagem para o boro, que se segue à do berílio. O boro possui igualmente propriedades metálicas, embora ele já manifeste também as dos metaloides. Em seguida, quando da passagem ao carbono, ao ozônio e ao oxigênio, as propriedades metálicas desaparecem completamente, enquanto que as propriedades metaloides acentuam-se, o que significa uma transformação gradual do fenômeno inicial em seu contrário. Essa passagem só está definitivamente terminada quando chega ao flúor, metaloide particularmente ativo. A passagem de um elemento químico, cujas propriedades metálicas estejam nitidamente marcadas, num elemento químico possuidor de propriedades não metálicas, nitidamente marcadas, efetua-se em seis negações. A volta no curso do desenvolvimento posterior ao elemento dotado de propriedades metálicas é mais brutal e efetua-se somente por meio de duas negações - a negação do flúor pelo neônio, gás inerte desprovido de propriedades dos metais e dos metaloides, e a negação do neônio pelo sódio que, como o lítio, possui propriedades metálicas nitidamente marcadas. A volta para trás, a repetição da etapa já transposta, sobre uma base nova, realiza-se, portanto, por meio de oito negações.

O salto-negação representa o momento da destruição de uma determinada formação material e a criação do novo estado qualitativo. O salto não significa duas negações, apenas uma. A destruição e a criação representam um momento de dois aspectos que estão conectados organicamente, através de uma única negação. A mesma negação que destrói, constrói ao mesmo tempo, pois transforma um estado qualitativo em outro, isto é, transforma uma formação material em outra.

A mudança de uma formação material em seu contrário é própria da negação dialética, mas isto não significa que toda negação dialética, necessariamente, conduza a coisa negada ao



seu contrário. A negação dialética poderia promover a passagem de um determinado estado qualitativo a outro estado qualitativo, sem haver uma passagem do negado ao seu contrário. É o caso da negação da propriedade privada feudal e sua passagem à propriedade capitalista.

A passagem de um fenômeno em seu contrário pode acontecer também com uma negação não dialética, como no caso da passagem de uma substância orgânica em substância inorgânica.

O desenvolvimento dialético não segue uma linha reta ascendente, mas uma trajetória espiralada, na forma de espiral, retornando em determinados momentos ao grau anterior, porém, em base superior.

### 1.23 Sobre o Conhecimento do Mundo

Antes de tratar sobre o processo de conhecimento do mundo, é importante repassarmos alguns princípios dialéticos considerados anteriormente. Gostaria de chamar a atenção que nos textos sobre materialismo dialético é comum o uso dos termos material e espiritual. É necessário compreender que espírito, espiritual, nesta concepção, se refere à consciência que é uma propriedade de uma forma altamente organizada de matéria. Espírito, espiritual, não é a alma concebida pelo senso comum. Iovchuc, Oizerman e Shchipanov ( 1981 ) apresentam as seguintes ponderações:

#### **Consciência, propriedade da matéria altamente organizada;**

Consciência é a propriedade de uma matéria altamente organizada (cérebro humano), isto é, uma propriedade cerebral que atua, reciprocamente, com o mundo material, tendo a faculdade de refletir o mundo exterior em imagens conceptuais (mentais, ideais).

Graças à consciência, o homem conhece o mundo circundante e organiza, racionalmente, sua atividade prática.

#### **Não há consciência sem matéria;**

O mundo é material. E que lugar se reserva nele à consciência, ou seja, ao pensamento e aos sentimentos humanos?

Não se pode considerá-los uma forma peculiar da matéria?

A consciência está relacionada ----→

Pensamento;  
Sentimentos e sensações.

Na história da filosofia, apareceram doutrinas segundo as quais o pensamento é um aspecto de uma matéria sutil. Tal como o fígado segrega a bÍlis, o cérebro segrega o

pensamento. Assim diziam os filósofos desta corrente filosófica à qual se deu o nome de “materialismo vulgar”.

**A consciência não é matéria, mas não tem existência fora da matéria.**

Os corpos materiais possuem propriedades mecânicas, físicas ou químicas, enquanto que as sensações e o pensamento carecem dessas propriedades.

**As sensações e o pensamento são o reflexo, no cérebro, dos objetos e fenômenos da realidade. São imagens subjetivas do mundo objetivo.**

Mas, ao mesmo tempo, a nossa experiência e a informação científica provam que a consciência não pode existir fora da matéria. Ninguém se encontrou, em parte alguma, com sensações e conceitos que surjam por si, independentemente da matéria.

**A consciência existe onde existe o cérebro do homem, que é o órgão do pensamento.**

Uma lesão do cérebro pode trazer consigo o desequilíbrio mental. A ação sobre o cérebro de substâncias químicas como a “aminasina” ou a “reserpina” reprime os sentimentos de inquietação, medo e insegurança. Por outro lado, há substâncias que intensificam o medo ou provocam alucinações. Estes fatos confirmam que a consciência é uma propriedade da matéria altamente organizada, do cérebro humano.

Em que consiste essa propriedade?

A própria noção de “consciência” induz a pensar que através dela conhecemos o mundo, compreendemos o que acontece à nossa volta.

**A consciência não só pressupõe a existência do cérebro, mas, além disso, a existência dos objetos materiais que atuam sobre ele.**

Como explica a fisiologia da atividade nervosa superior a origem das sensações?

Qualquer fator do mundo exterior, como o raio de luz refletido por um objeto, atua sobre os órgãos sensoriais (os olhos, neste caso). A energia produzida pela irritação exterior transforma-se em excitação nervosa e, depois, em sensação, aparecendo a imagem dos objetos na consciência.

Imaginemos, por um instante, um cérebro que não recebesse qualquer sinal do mundo exterior. Por muito bem organizado que estivesse, não poderia surgir, nele, nenhuma sensação, nem qualquer pensamento. Desnecessário é dizer que semelhante cérebro não existe, mas dão-se casos de alteração das suas ligações com o mundo exterior: doentes cegos, surdos ou outros que perderam, quase por completo, a sensibilidade da pele. A consciência destas pessoas permanece inativa uma grande parte do tempo.

De certo modo, poder-se-ia comparar o cérebro a uma película que se filma com rapidez e que reflete um quadro da realidade. Basta tapar a objetiva da câmera, separá-la do mundo exterior para que a película fique limpa, sem qualquer imagem. Entende-se que esta analogia não pode ser tomada ao pé da letra. O reflexo dos objetos na película efetua-se segundo leis químicas e físicas, enquanto que o reflexo da realidade no cérebro do homem é um processo psicofisiológico e social, infinitamente, mais complexo.

Assim, a consciência não é, simplesmente, uma propriedade do cérebro, mas uma propriedade do cérebro que atua, reciprocamente, com o mundo material.

**A consciência é a faculdade da matéria altamente organizada de refletir o mundo exterior em imagens conceptuais (mentais, ideais).**

Graças à consciência, o homem conhece o mundo circundante e organiza, racionalmente, sua atividade prática.

O conhecimento não é um simples ato da reflexão espelhada no cérebro humano. É um complexo processo de movimento do pensamento que vai da ignorância ao saber; do incompleto e impreciso ao conhecimento, cada vez mais, completo e exato.

**Do mesmo modo que o mundo é infinito, o pensamento não tem limites: é também infinito.**

O conhecimento humano vai desde a observação à percepção sensorial, ou, como se diz em filosofia, da contemplação viva à descoberta teórica das leis e, depois, à aplicação prática das mesmas.

## 1.24 Pensamento Abstrato ou Conhecimento Lógico

Compreender a complexidade da realidade é “descobrir as leis e distinguir, em todo o conjunto de complexas interligações, as leis essenciais”. (IOVCHUC, 1981). Os sentidos não têm a capacidade para desempenhar essa função, porque nas imagens, apresentadas pelos sentidos, os aspectos essenciais e os não essenciais são fundidos. Os dados, oferecidos pelos sentidos, precisam ser interpretados para se obter generalizações e distinguir o essencial. Com base neste conhecimento sensorial, o pensamento abstrato, também denominado conhecimento lógico, constrói abstrações científicas que são conceitos que revelam as propriedades e conexões essenciais da materialidade, incapazes de serem captadas pelos sentidos.

Desta forma, o pensamento abstrato, o conhecimento lógico, é um fundamental instrumento a favor do conhecimento. Através dele, identificamos as leis essenciais do movimento e desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento. Pinto ( 2009 ) tece comentários sobre a lógica dialética e descreve um breve resumo:

Etimologicamente, dialética vem do grego *dia*, que expressa a ideia de “dualidade”, “troca” (*dia*= entre) e *lektikós*, “apto à palavra”, “capaz de falar”. É a mesma raiz de *logos* (palavra, razão) e, portanto, se assemelha ao conceito de diálogo. No diálogo, há mais de uma razão que entram em contato. A palavra dialética tomou vários sentidos ao longo da história, mas aqui a tomaremos no sentido que tomou a partir do século XIX com Hegel.

A lógica aristotélica baseia-se nos princípios de identidade e de não contradição, fundamentais para a concepção metafísica do mundo, típica da filosofia antiga. Enquanto a metafísica utiliza noções abstratas e absolutas, explicando a realidade estática a partir de suas essências imutáveis, a lógica dialética parte do princípio de contradição, segundo o qual a realidade é essencialmente processo, mudança, devir. O que teria determinado a passagem da concepção de um mundo estático – que podia ser explicado apenas pelo movimento local, e cujo modelo por excelência é o relógio – para uma nova concepção dinâmica?

A partir do século XVIII, três grandes descobertas científicas contribuíram para isso:

- A descoberta da célula – todos os órgãos animais e vegetais, sendo constituídos por células, tem uma unidade estrutural que se torna cada vez mais complexa.

- A descoberta da lei da conservação e transformação da energia (calor, eletricidade, magnetismo, energia química, etc) – a energia não pode ser criada nem destruída, mas sim convertida e transformada de uma forma em outra. Por ex. a energia mecânica é transformada em calor pelo choque e atrito; o calor das caldeiras é transformado em energia mecânica.

- A evolução das espécies – a teoria de Darwin a respeito da origem das espécies vegetais e animais, segundo o qual os seres vivos aparecem como consequência do desenvolvimento e transformação através dos tempos.

Estas descobertas mostram que o mundo é transformação. Tudo muda, a própria história muda. Os homens estão constantemente inventando novos instrumentos de trabalho, mudam a ordem social, mudam a si mesmos. O velho é sempre substituído pelo novo, e cada coisa, ao nascer, já tem em si o germe da sua destruição. Portanto, não há “coisas acabadas”, mas um complexo de processos onde tudo só é estável na aparência.

### **CARACTERÍSTICAS DA DIALÉTICA**

Para Engels, “a dialética é a ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo externo quanto do pensamento humano”.

A dialética é a estrutura contraditória do real, que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese. Ou seja, o movimento da realidade se explica pelo antagonismo entre o momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese.

Eis os três momentos:

- > identidade: tese
- > contradição ou negação: antítese
- > positividade ou negação da negação: síntese

Para melhor entender o processo, vejamos o que Hegel diz a respeito do verbo alemão *aufheben*. Essa palavra quer dizer, em primeiro lugar, “suprimir”, “negar”, mas também a entendemos no sentido de “conservar”. Aos dois sentidos, acrescenta-se um terceiro, o de “elevar a um nível superior”.

Esclarecendo com exemplos: quando começo a esculpir uma estátua, estou diante de uma matéria-prima, a madeira, que depois é negada, isto é, destruída na sua forma natural, mas ao mesmo tempo conservada, pois a madeira continua existindo como matéria, só que modificada, elevada a um objeto qualitativamente diferente, uma forma criada. Portanto, o trabalho nega a natureza, mas não a destrói, antes a recria.

Da mesma forma, se enterramos o grão de trigo, ele morre (dá-se a negação do trigo); desaparece como grão para que a planta surja como espiga; produzido o grão, a planta morre. Esse processo não é sempre idêntico, pois podem ocorrer alterações nas plantas, resultantes do aparecimento de qualidades novas (evolução das espécies).

Segundo a concepção dialética, a passagem do ser ao não ser não é aniquilamento, destruição ou morte pura e simples, mas movimento para outra realidade. A contradição faz com que o ser suprimido se transforme.

Além da contraditoriedade dinâmica do real, outra categoria fundamental para entender a dialética é a de totalidade, pela qual o todo predomina sobre as partes que o constituem. Isto significa que as coisas estão em constante relação recíproca, e nenhum fenômeno da natureza ou do pensamento pode ser compreendido

isoladamente fora dos fenômenos que o rodeiam. Os fatos não são átomos, mas pertencem a um todo dialético e como tal fazem parte de uma estrutura.

### **PRINCÍPIOS OU LEIS DA DIALÉTICA:**

#### 1º) Tudo se relaciona (princípio da totalidade)

Para a dialética a natureza se apresenta como um todo coerente onde objetos e fenômenos são ligados entre si, condicionando-se reciprocamente. O método dialético leva em conta essa ação recíproca e examina os objetos e fenômenos buscando entendê-los numa totalidade concreta.

#### 2º) Tudo se transforma (princípio do movimento)

A dialética considera todas as coisas em seu devir. O movimento é uma qualidade inerente a todas as coisas. A natureza, a sociedade não são entidades acabadas, mas em contínua transformação, jamais estabelecidos definitivamente, sempre inacabados”. A causa desse movimento constante, da transformação é a luta interna que faz parte da natureza. É a “lei da negação ou ultrapassagem”. Há a negação da afirmação e depois a negação da negação prevalecendo uma síntese.

#### 3º) Unidade e luta dos contrários ( princípio da contradição)

A transformação das coisas só é possível porque no seu próprio interior coexistem forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição. É o que se chama contradição, que é universal, inerente a todas as coisas materiais e espirituais. A contradição é a essência ou a lei fundamental da dialética. Esses princípios (ou leis) podem ser aplicados tanto à matéria, como à sociedade humana e aos nossos próprios conhecimentos.

Por isso podemos subdividir a dialética em 3 níveis:

- 1) a Dialética da natureza: independente da ação do homem, objetiva.
- 2) a Dialética da história: de princípio objetiva, mas onde irrompe um projeto humano, no caso do proletariado.
- 3) a Dialética do conhecimento: dialética sujeito-objeto, resultado de uma interação constante de objetos a serem conhecidos e a ação de sujeitos que procuram conhecer.

Segundo Marx, “É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori.” ( O Capital, p. 16 )

Henri Lefèbvre: Marx “ao estudar uma determinada realidade objetiva, analisa, metodicamente, os aspectos e os elementos contraditórios desta realidade (considerando, portanto, todas as noções antagônicas então em curso, mas cujo teor ninguém ainda sabia discernir). Após ter distinguido os aspectos ou os elementos contraditórios, sem negligenciar as suas ligações, sem esquecer que se trata de uma realidade, Marx reencontra-a na sua unidade, isto é, no conjunto do seu movimento.”

“Através do método dialético o fenômeno ou coisa estudada deverá apresentar-se ao leitor de tal forma que ele o apreenda em sua totalidade. Para isso são necessárias aproximações sucessivas e cada vez mais abrangentes. Isso o tornará acessível.”

Henri Lefèbvre apresenta as seguintes “regras práticas do método dialético”:

- 1) Dirigir-se à própria coisa, por conseguinte, análise objetiva.
- 2) Apreender o conjunto das conexões internas da coisa, de seus aspectos, o desenvolvimento e o movimento da coisa.
- 3) Apreender os aspectos e momentos contraditórios; a coisa como totalidade e unidade dos contraditórios.
- 4) Analisar a luta, o conflito interno das contradições, o movimento, a tendência (o que tende a ser e o que tende a cair no nada).
- 5) Não esquecer de que tudo está ligado a tudo; e que uma interação insignificante, negligenciável porque não essencial em determinado momento, pode tornar-se essencial num outro momento ou sob outro aspecto.
- 6) Não esquecer de captar as transições; transições dos aspectos e contradições; passagens de uns nos outros, transições no devir.
- 7) Não esquecer de que o processo de aprofundamento do conhecimento - que vai do fenômeno à essência e da essência menos profunda à mais profunda - é infinito. Jamais está satisfeito com o obtido.
- 8) Penetrar, portanto, mais fundo do que a simples coexistência observada; penetrar sempre mais profundamente na riqueza do conteúdo, apreender conexões e o movimento.
- 9) Em certas fases do próprio pensamento, este deverá se transformar, se superar: modificar ou rejeitar sua forma, remanejar seu conteúdo - retomar seus momentos superados, revê-los, repeti-los, mas apenas aparentemente, com o objetivo de aprofundá-los mediante um passo atrás rumo às suas etapas anteriores e, por vezes, até mesmo rumo ao seu ponto de partida, etc.”

### **LÓGICA FORMAL E LÓGICA DIALÉTICA**

A lógica dialética não faz desaparecer a lógica formal. Esta continua existindo no âmbito das correlações imediatas que partem da observação direta dos fatos ou quando atingimos as leis pelo método experimental. Então, explicamos o mundo pela causalidade linear, características do mundo mecânico típico da ciência clássica. A lógica formal se torna insuficiente quando é preciso passar para um grau superior de generalidade, onde existem as categorias de totalidade e de relações recíprocas.

Com o progresso da física, o pensamento científico se volta para os fenômenos relacionados com a estrutura íntima da matéria, os quais não mais são explicados pelas relações clássicas da causalidade formal. O mesmo ocorre com os fenômenos das outras ciências, que introduzem a ideia de processo. É aí exatamente que a lógica formal se torna insuficiente, devendo ser substituída.

Entretanto, em outro aspecto, a lógica formal continua sendo válida: enquanto a produção da ideia é dialética, sua expressão é sempre formal. “O que é pensado dialeticamente tem de ser dito formalmente, pois se acha subordinado às categorias da linguagem, que são formadas por força de sua constituição social, de sua função como instrumento criado pelo homem para a comunicação com os semelhantes.”

Lefebvre (1975) relaciona a lógica formal com a dialética:

A lógica formal, lógica da forma, é assim a lógica da 'abstração'. Quando nosso pensamento, após essa redução provisória do conteúdo, retorna a ele para reaprendê-lo, então a lógica formal se revela insuficiente. É preciso substituí-la por uma lógica concreta, uma lógica do conteúdo, da qual a lógica formal é apenas um elemento, um esboço válido em seu plano formal, mas aproximativo e incompleto. Já que o conteúdo é feito da interação de elementos opostos, como o sujeito e o objeto, o exame de tais interações é chamado por definição de dialética; por conseguinte, a lógica concreta, ou lógica do conteúdo, será a lógica dialética.

### **1.25 Linguagem e Pensamento**

O pensamento abstrato está interligado com a linguagem, forma de expressão do pensamento. Ele é um produto social, decorrente do processo de trabalho humano em comum, pela necessidade de coordenar suas ações, troca de experiência e conhecimento. Por causa desta necessidade, é desenvolvida a linguagem articulada por meio da palavra, a língua como meio de comunicação. A palavra não é somente som, mas transporta um significado. Este sistema de sinais se desenvolveu apenas no cérebro humano, o que impossibilita, aos animais, o pensamento abstrato. Através da linguagem, o homem consegue conservar, transmitir e aumentar o volume do saber.

### **1.26 Sobre a Verdade**

A verdade corresponde ao conhecimento da realidade objetiva, eliminando-se a subjetividade. Os órgãos sensoriais foram se aperfeiçoando com a evolução da natureza orgânica, servindo como meios de orientação, contribuindo para a adaptação do organismo ao meio ambiente, entretanto, somente a identificação e contemplação de objetos, por meio dos sentidos, não possibilita o conhecimento de leis internas relacionadas ao desenvolvimento do mundo real. O conhecimento exige distinguir as leis essenciais no conjunto das complexas interligações da realidade. Esta função não é possível aos sentidos humanos. É necessário algo mais, o pensamento abstrato, ou conhecimento lógico. Verdade é uma afirmação que expressa, de forma correta, a realidade, suas propriedades ou leis.

### **1.27 Critério da Verdade**

É necessário o estabelecimento de um critério, a fim de se verificar a veracidade de uma afirmação. A experimentação é muito utilizada na comprovação das teorias. Como exemplo, podemos citar os êxitos dos voos espaciais que confirmam, na prática, a teoria e cálculos adotados. A prática é o critério da verdade, como também, é a base do conhecimento, é o ponto de partida do conhecimento. Este se torna impossível sem a prática, por isso, a experimentação é um eficaz meio da investigação científica.

Importantes investigações teóricas parecem, muitas vezes, desvinculadas da prática direta, mas, na realidade, elas derivam de conquistas científicas anteriores, preparando futuras práticas da ciência. O desenvolvimento da prática aponta novas perspectivas que permitem o aprofundamento do conhecimento. A prática não aceita o relativismo e o dogmatismo na teoria do conhecimento.

### **1.28 Relativismo na Teoria do Conhecimento**

A prática rejeita, de forma categórica, o relativismo na teoria do conhecimento. Os relativistas afirmam que o conhecimento é relativo, que não existe a estabilidade, o caráter permanente e que a verdade se apresenta falsa no tempo. O relativismo está em contradição com a prática. As leis essenciais de um fenômeno, comprovadas pela prática, são estáveis e permanentes, enquanto persistir o referido fenômeno.

A matéria não se esgota, é infinita, por isso sempre haverá fenômenos a serem conhecidos, mas não existem fenômenos incognoscíveis.

### **1.29 Dogmatismo na Teoria do Conhecimento**

A prática também rejeita, de forma categórica, o dogmatismo. Os dogmáticos aplicam as leis de forma mecânica, sem considerar as circunstâncias, afirmam que as leis são imutáveis, sem considerar que o conhecimento dos fenômenos é inesgotável.



### 1.30 Sobre a Teoria e a Prática

Devemos compreender que o conhecimento está em constante desenvolvimento e sempre se aprofundando pela prática. Teoria e prática caminham juntas. Iovchuc, Oizerman e Shchipanov, na “História da Filosofia” (1981), abordam o tema do conhecimento:

As leis da mecânica clássica, descobertas por Newton, são verdades confirmadas, reiteradamente, pela prática. No entanto, quando no século XX, a humanidade iniciou o estudo de velocidades próximas da luz, revelou-se que as leis de Newton eram apenas casos particulares de outras leis mais gerais descobertas por A. Einstein. Não é que, depois disto, as leis da mecânica clássica se tenham tornado falsas, pois elas continuam refletindo, com justeza, a interação mecânica dos corpos com velocidades, relativamente, pequenas. Agora, os nossos conhecimentos são mais profundos e refletem leis mais gerais da interação dos corpos a qualquer velocidade, incluindo aquelas próximas da velocidade da luz.

Nos conhecimentos científicos, há sempre um sólido núcleo que continua a ser verdadeiro, mas este núcleo não é imutável, pois com os avanços do conhecimento acumula novas deduções e conclusões.

A chave para compreender a atividade da consciência e a sua enorme função transformadora é a unidade entre a teoria e a prática.

A consciência não é, longe disso, um reflexo passivo da realidade exterior. Irrompe no mundo e o transforma mediante a atividade prática dos homens.

Olhemos à nossa volta. Ao lado dos objetos dados pela própria natureza, há muitas coisas que são produtos do trabalho criador e da inspiração do homem. Até a própria natureza (os bosques e prados, os campos, a atmosfera terrestre) se transforma por influxo da prática social. O sentido e a razão suprema do surgimento da consciência é transformar a realidade no sentido que convém ao homem. A consciência não só reflete o mundo, como o cria. Nunca satisfeito com o que o rodeia, o homem modifica a realidade objetiva. A ação da consciência humana manifesta-se, claramente, na vida social.

Visando contribuir com esclarecimentos a respeito das duas linhas fundamentais da filosofia, materialismo e idealismo, e o materialismo dialético como a filosofia mais desenvolvida e de melhor qualidade na linha materialista, apresento, nos Anexos, três pequenos textos, porém, bem elucidativos: Anexo A – Sobre o materialismo dialético / Anexo B – O idealismo e suas raízes e Anexo C – A questão fundamental da filosofia.

Apresento, a seguir, alguns extratos das palestras de Netto (2002), o método em Marx:

Partimos dos fatos, da aparência. Esta é um sinal, um marco, um indicador, de um processo e processos. A factualidade, a empiria (o empírico) é a expressão coagulada, a expressão fática de processos. Ser é processo, ser é movimento. O primeiro passo do conhecimento teórico é tomar a factualidade como indicadora de processo. Cabe à razão identificar esses processos. Cabe a uma faculdade racional, à faculdade da

abstração, cabe à razão, num movimento de abstração, ir além da factualidade para a identificação dos processos que a explicam e a implicam. A identificação dos processos de que ela é aparência. Negar a empiria passa, obrigatoriamente, pelo recurso da abstração. Sem processos abstrativos, sem a capacidade de abstrair-se do fato dado, é impossível a construção teórica. É pelo processo de abstração, ou seja, a faculdade racional de descolar-se do imediato, do experiencial, do dado, pelo movimento que nos leva além do dado, que é possível identificar, detectar, localizar os processos que são sinalizados por aquela forma fática, forma factual, empírico-fenômeno, que põe a possibilidade do conhecimento.

É nesse movimento propiciado pela faculdade, pela propriedade, pelo atributo histórico-humano-intelectivo da abstração, é só por esse movimento que se pode abandonar o domínio do abstrato. É pelo movimento da abstração intelectual que se torna possível abandonar o nível do abstrato. É através do movimento da abstração que se inicia aquilo que constitui o essencial do método dialético, que é a elevação do abstrato ao concreto. É, precisamente, o processo da abstração que permite à razão, à razão que investiga, à razão que pesquisa, superar o caráter abstrato da expressão fática, da expressão factual. Quando se dá esse passo, abandona-se o domínio da facticidade. O pensamento identifica, localiza, encontra, detecta, explora processos. Estes processos não estão perdidos no espaço. Eles estão conectados a outros processos. Pelo caminho da abstração, esses outros processos devem ser identificados, devem ser localizados, devem ser analisados pelo investigador. Esses outros processos, por sua vez, se expressam empiricamente. Eles têm sinais fáticos. O pensamento partiu de um dado fático, abstraiu-se desse dado, identificou, localizou os processos que esse dado sinaliza, vinculou-o a outros processos e agora retorna ao domínio da empiria. Identifica os fatos, os fenômenos, as formas empíricas que sinalizam esses outros processos. Então, o pensamento, na verdade, o pesquisador retorna à forma factual, à forma empírica de onde partiu. É claro que essa forma empírica continua a mesma. Ela não mudou em nada.

A teoria nada produz. A teoria reproduz, intelectivamente, o movimento do objeto real. O objeto, o fato está lá. O fato, ou fatos, ou fenômenos, a partir do qual se iniciou o processo cognitivo, nesse retorno se encontram como antes, do mesmo jeito. O movimento teórico não os modificou. O movimento do pensamento não modifica nada. Entretanto, este fato é agora tomado pelo pensamento em dimensões, absolutamente, não assumidas pelo pensamento, não apreendidas pelo pensamento, quando do ponto de partida. O fenômeno, a expressão empírica está lá, do mesmo jeito. Depois desta longa viagem, o investigador pode ver, no fato, na expressão empírica, ele pode ver, aquilo que inscrito no fato, não é evidente ao olhar que não se sustenta nesse circuito analítico.

No processo investigativo, é de fundamental importância a obtenção de uma saturação de determinações. Quando voltamos ao fato, nossa reprodução ideal dele está cheia de determinações. O conhecimento implica na saturação máxima de determinações. Essas determinações só são encontradas no processo de pesquisa. O caminho que, pela abstração, nos permite sair do imediato, saltar, negá-lo, é o processo de procura, de busca das determinações. Conhecer algo é conhecer as suas determinações. Essas determinações, no contato imediato do pesquisador com o objeto, no contato com a evidência, com a empiria do objeto, não são visíveis. Os fatos nada dizem. Os fatos não são eloquentes. O conhecimento é o conhecimento das determinações. Essas são de múltiplas naturezas, de múltiplas ordens. Passa-se de uma determinação a outra, não por um processo de soma, não por um processo de adição, de aglutinação. Há uma imbricação e uma mútua interação entre essas determinações. Encontrar as determinações e suas relações é buscar as mediações. Conhecimento teórico é o encontro das determinações, é a localização das mediações. Conhecimento teórico é a ultrapassagem do imediato. É a elevação do dado imediato que é o abstrato, aquilo que, dissolvida a sua imediatividade, é uma síntese de muitas determinações. É o concreto. O concreto aparece como resultado do movimento do pensamento. Foi o pensamento que localizou determinações, mediações. Parece que foi o pensamento que construiu essa concreção. Não é verdade. Essa concreção já estava dada, mas a

imediatez dessa relação com o objeto impedia que essa concreção emergisse. Não é o pensamento que gesta o concreto. É o pensamento que reproduz, que reconstrói o processo de constituição do concreto. É por isto que Marx, algumas vezes, falara em concreto pensado. Este concreto é produto do movimento do pensamento, mas não é produto do movimento do pensamento o objeto. Não se supõe nunca que a razão esgote o real, pela extrema complexidade do real e pela mobilidade, pela dinamicidade desse real. Ele não é apenas extremamente complexo, mas extremamente móvel e dinâmico, o que significa que a sua complexidade de hoje não é a sua complexidade de amanhã, mas isto não impede que a razão, neste movimento, apanhe a riqueza estrutural do real. Alguns chamam este método de aproximações sucessivas. O universo de fatos e processos abarcados também se amplia.

Em todo fato estudado, é necessário verificar qual a sua dimensão sincrônica. Trabalha-se com o eixo das simultaneidades. Opera-se um corte vertical no fenômeno analisado. Trata-se de identificar a estrutura desse fenômeno. Simultaneamente, busca-se o desenvolvimento do fato, sua gênese. Trata-se da diacronia, de seu corte horizontal. É necessário fazer esses dois movimentos, sincrônico e diacrônico, simultaneamente. A gênese, a origem, não coincide com as funções e a estrutura atual. Conhecer a gênese, de um processo qualquer, não garante o conhecimento de sua estrutura contemporânea. O trato de quaisquer fenômenos e processos é sempre, e concomitantemente, sincrônico e diacrônico.

É fundamental distinguir o processo de investigação, do processo de exposição da pesquisa realizada. O ponto de chegada da investigação é o ponto de partida da exposição. No ponto de chegada da investigação, ficam claros os pressupostos, mas não são pressupostos apriorísticos. Tudo foi processado e elaborado. Este processado constitui o patamar teórico-metodológico. Já vimos que o conhecimento teórico é a caça, a pesquisa e o encontro das determinações que constituem aquilo que se expressa como fenômeno. Que são as determinações? São traços constitutivos do movimento sinalizado pela existência empírica do fato. São traços efetivos, reais, que existem. As determinações expressam na efetividade do ser, no movimento do ser. Elas expressam formas de ser deste ser.

As determinações são reais. Não se pode confundir o real com o empírico. A empiria é um nível constitutivo do real. Ela é a epiderme do real. É também importante. As determinações são traços constitutivos, efetivos, desse movimento que constitui o real. Isso significa que, mesmo que eu não os conheça, eles existem e operam. Mesmo que eu não os conheça, mesmo que a teoria não os reproduza, eles existem. O que a consciência teórica faz é apreendê-los. Como é que esses traços constitutivos são capturados teoricamente? Eles são capturados como categorias. São constitutivas do ser. A categoria teórica não é uma invenção da mente. Ela é o produto da análise e do real pela razão. Isso significa que as categorias teóricas não são produções. Elas não são criações no sentido de que a mente, o cérebro as engendrou. Elas são a representação ideal de um traço efetivo da realidade. Neste sentido, todo o conjunto categorial trata-se de categorias não pensadas como artifícios intelectivos para se conhecer a realidade, mas como expressões ideais de traços efetivamente constituidores da realidade. São categorias ontológicas. É impossível a elaboração teórica sem o recurso à categoria. A categoria não é criada pelo sujeito que pesquisa. O sujeito que pesquisa extrai a categoria do seu objeto, porque ela é um traço constitutivo da estrutura desse objeto. O movimento teórico ideal é aquele onde o sujeito guarda, em face do objeto, a máxima fidelidade de apreender esses traços constitutivos. Expressam como instrumento teórico das categorias analíticas, mas essas categorias não são artifícios, elas expressam modos de ser, formas de ser da realidade.

Na pesquisa, também é essencial a utilização de ampla massa documental. A análise quantitativa, os dados quantitativos são elementos importantes de partida para a análise qualitativa. O pesquisador tem que ter, dispor de um arsenal categorial que lhe permita o movimento de ascensão do abstrato ao concreto. Ninguém começa a pesquisa do nada. Ninguém começa a pesquisa sem estoque crítico anterior, seja um

estoque crítico insuficiente, seja uma estoque crítico considerado falso, mas parte dele. O pressuposto no ponto de partida da exposição é o resultado no ponto de chegada da investigação. A realidade tem um caráter dinâmico-processual, uma dinâmica imanente, constitutiva da realidade. Ela não é mais um elemento, ela não é uma característica, ela é a própria essencialidade. Ela é determinada por que? Qual o centro deste dinamismo? São as contradições e os antagonismos que são necessariamente gestados nas instâncias constitutivas dessa realidade. Não é conflito, não é tensão, não é oposição, não é diferença. É preciso tomar muito cuidado aqui. Frequentemente se tomam diferenças por contradições. O que move a realidade, o que lhe dá essa dinamicidade são as suas contradições e seus antagonismos, mas isso é pouco.

É preciso apreender qual é a natureza da realidade com a qual se trabalha. A realidade constitui uma totalidade. É uma categoria teórico-ontológica. O caráter de totalidade da realidade não significa que se trata de um todo constituído por partes em interação funcional. Essa totalidade é um conjunto de complexidade, é um complexo de complexos, onde a menor unidade constitutiva é ela mesma de extrema complexidade. A realidade é uma totalidade de máxima complexidade, constituída por totalidades não simples, mas de menor complexidade. O conhecimento teórico busca as determinações específicas dessas complexidades. As instâncias que compõem a realidade são sempre complexas e a realidade de maior complexidade é essa totalidade constituída de outras totalidades de menor complexidade. Mas a totalidade não é um caos. A conquista do pensamento da modernidade é compreender que a realidade é um sistema de relações. O problema é a natureza dessas relações. É a natureza da dinâmica desse sistema. Essas totalidades de menor complexidade não têm uma relação episódica, aleatória, casual entre elas. Essa totalidade é articulada. Essa articulação exige do pesquisador identificar, entre as totalidades, aquelas ou aquela que, ontologicamente, constitui o momento da determinação. Essa articulação significa que, entre essas totalidades que constituem o complexo de complexos de uma realidade, vigem relações de subordinação, mas também de coordenação. Caberá à pesquisa, caberá à investigação, verificar sempre, e sistematicamente, como se articulam essas totalidades. Isso depende da investigação. É necessário estar atento para as modificações nessas articulações. Trata-se de uma totalidade constituída de totalidades de menor complexidade, e não mais simples, que se apresentam articuladas, sobretudo, se apresentam com suas particularidades. As totalidades que constituem uma totalidade não podem ser equalizadas na análise. Elas têm particularidades. Elas são totalidades com naturezas específicas, próprias. Se não fossem assim, não haveria o complexo de complexos. Teríamos uma totalidade indiferenciada. Isso significa que as contradições e antagonismos não cortam igualmente uma realidade. Não cortam igualmente as várias instâncias de uma realidade. Para poder apreender como é que contradições e antagonismos dinamizam essas estruturas que são os complexos constitutivos de uma realidade, para não se pensar equalizadamente as várias instâncias, é necessário descobrir suas particularidades. É necessário encontrar os traços constitutivos dos fenômenos.

Há três categorias nucleares, aquelas que fundam o elenco categorial do materialismo dialético: totalidade, contradição e mediação. Quanto à categoria de totalidade, a concepção de realidade assenta na estrutura de totalidade que a realidade tem. É uma categoria nuclear. Mas ela perde qualquer sentido se não estiver imediatamente vinculada a categoria de contradição. Sem a contradição, as totalidades são mortas. O que dinamiza as totalidades é o sistema de contradições que elas, necessariamente, portam, mais exatamente, essas totalidades são constituídas por sistemas de contradição. Totalidade e contradição só têm sentido com a categoria de mediação. Não fora a mediação, as totalidades movidas por suas contradições pareceriam, se apresentariam como totalidades indiferenciadas. Elas são diferenciadas. A realidade é uma totalidade unitária, mas não é uma totalidade identitária. Unidade é a unidade de diverso, unidade de diferente. Não há unidade entre idênticos. Precisamente, porque a totalidade concreta é contraditória e unitária, a dinamicidade posta pelo sistema de contradição perpassa, diferencialmente, os diversos elementos dessa unidade, por isso, a categoria de mediação é outra categoria nuclear da arquitetura categorial. Não se trata de três categorias para expressar o fundamento do sistema categorial. Esse

sistema das categorias operantes é impensável se, o tempo todo, as categorias não estiverem parametradas e perpassadas pelas três categorias nucleares. É evidente que poderemos encontrar toda uma série de outras categorias mais determinantes que outras, mais complexas, categorias mais simples. Aqui não se trata de categorias simples ou complexas. Todas elas são categorias complexas, entretanto, são elas que determinam a armadura desse sistema e esse sistema de categorias tem duas características centrais: ele é um sistema, tem um caráter sistemático, mas isso não significa que ele é cerrado, fechado. O seu caráter de sistema é dado pela estrutura de sistema que tem o seu objeto. Ele é um sistema em aberto.

A segunda característica é que este sistema deve ser sempre verificado. Por que deve ser verificado? Porque se o movimento puser determinações novas e, portanto, novas categorias, ele também pode anacronizar as categorias que estavam postas centralmente na sua gênese, mas que podem ser lateralizadas, subalternizadas em seu desenvolvimento. Essa riqueza categorial advém da riqueza do objeto.

Não basta que o pensamento tenda para a realidade, é preciso que a realidade tenda ao pensamento. É absolutamente imprescindível que o pensamento, que a teoria, que a preocupação do investigador tenda para o real, queira apreendê-lo, queira capturá-lo, queira reproduzi-lo. O grande pensador, qualquer grande pensador só o foi porque pensou o seu tempo. Mas não basta isto. Não basta que o pensamento queira apreender a realidade. É preciso que a realidade favoreça essa apreensão, que a realidade favoreça esse movimento do pensamento, até porque esse movimento não é um movimento individual, é um movimento que está tecido socialmente. É claro que no plano do cotidiano nós desenvolvemos automatismos que são necessários à vida. A vida quotidiana demanda esses automatismos, ela exige, a sua estrutura assim o impõe. O problema é que essa estrutura é transladada ao comportamento da razão.

### 1.31 Os Movimentos do Pensamento

O materialismo dialético traz uma grande contribuição para a compreensão das questões sobre a consciência e materialidade, percepção (fenômeno) e o ser real, aparência e essência. A coisa, o ser, só é conhecida quando alcançamos sua essência. Para isto é imprescindível a teoria do conhecimento com base no materialismo científico dialético.

Lefebvre (1975), filósofo e sociólogo, apresenta os movimentos do pensamento. Ele se posiciona entre polos, em termos opostos, que provocam o seu movimento. Pensamento é uma atividade.

A verdade corresponde ao conhecimento da realidade objetiva, eliminando-se a subjetividade. Os órgãos sensoriais foram se aperfeiçoando com a evolução da natureza orgânica, servindo como meios de orientação, contribuindo para a adaptação do organismo ao meio ambiente, entretanto, somente a identificação e contemplação de objetos, por meio dos sentidos, não possibilita o conhecimento de leis internas relacionadas ao desenvolvimento do mundo real. O conhecimento exige distinguir as leis essenciais no conjunto das complexas

interligações da realidade. Esta função não é possível aos sentidos humanos. É necessário algo mais, o pensamento abstrato, ou conhecimento lógico. “Verdade é uma afirmação que expressa, de forma correta, a realidade, suas propriedades, ou leis”. (LEFEBVRE, 1975).

É necessário o estabelecimento de um critério a fim de se verificar a veracidade de um pensamento. A experimentação é muito utilizada na comprovação das teorias. Como exemplo, podemos citar os êxitos dos voos espaciais que confirmam, na prática, a teoria e cálculos adotados. A prática é o critério da verdade, como também, é a base do conhecimento, é o ponto de arrancada do conhecimento. Este se torna impossível sem a prática, por isso, a experimentação é um eficaz meio da investigação científica. Importantes investigações teóricas parecem, muitas vezes, desvinculadas da prática direta, mas, na realidade, elas derivam de conquistas científicas anteriores, preparando futuras práticas da ciência. O desenvolvimento da prática aponta novas perspectivas que permitem o aprofundamento do conhecimento.

A verdade não é o ser, não é a coisa. É a relação entre a consciência e o mundo concreto, objetivo. A verdade está em nossa sintonia, correspondência com a objetividade. Há uma interação entre o absoluto e o relativo. A verdade é, simultaneamente, relativa e absoluta. A verdade relativa se manifesta num contexto de tempo e espaço. A verdade absoluta é a infinita totalidade das verdades relativas. “A totalidade do pensamento tendendo para a totalidade do universo é um limite infinitamente distante, do qual vamos aproximando através da conquista do conhecimento.” (LEFEBVRE, 1975)

Como exemplo de uma verdade relativa a um contexto, ao tempo e espaço, podemos citar a força de sustentação ( $L = Cl \cdot d/2 \cdot S \cdot v^2$ ) que se contrapõe à força da gravidade ( $F = m \cdot g$ ), gerando uma força resultante nula, o que possibilita o voo nivelado em determinada altitude. No caso do ônibus espacial que pratica uma órbita a 106 km de altitude, a 25.000 km/h, encontrará uma densidade do ar tendente a zero, anulando a força de sustentação (L). Estará em queda livre, sob a ação ainda de uma reduzida força gravitacional terrestre, entretanto, graças à hipervelocidade que mantém nesta altitude, a queda acontece além do raio terrestre. Como vemos, o princípio que mantém a altitude de órbita é a hipervelocidade. A força de sustentação (L) é, praticamente, zero nestas altitudes, por falta de ar (fluido), não necessitando das asas para voar. Assim sendo, a teoria da força de sustentação (L) é verdadeira num contexto atmosférico, num determinado espaço, na presença de ar, requerendo alguma densidade (d). Fora dessas condições, essa teoria não seria válida, sendo

superada por outra, porém verdadeira no contexto adequado. Isso caracterizou uma verdade relativa a um contexto, ao tempo e espaço.

Quanto à verdade absoluta, o materialismo científico dialético rechaça a consciência universal, a consciência absoluta como primário e a materialidade como consequência. A verdade é uma relação da consciência em correspondência com a materialidade, está associada à busca do conhecimento objetivo e, nesse sentido, a verdade absoluta é a infinita totalidade, não a soma, das verdades relativas, do conhecimento científico comprovado pela prática em seu movimento e desenvolvimento.

O conhecido e desconhecido expressam a relação da consciência com a materialidade. Os seres, as coisas, existem e não dependem de nossa consciência. Temos impressões das coisas, constituindo os fenômenos. Não existe o pensamento puro. O pensamento é um conjunto de formas associadas a um conteúdo objetivo. A coisa exterior, ainda desconhecida, torna-se coisa pensada, um objeto conhecido.

Inteligência e razão estão associadas. A inteligência é o entendimento. É a capacidade de determinar os objetos e seus elementos. Analisar é decompor os objetos em seus elementos. O entendimento analisa, decompõe. A razão identifica que o elemento faz parte de um conjunto. A razão tende a restabelecer o todo.

Imediato e mediato são também movimentos do pensamento. O mediato é o conhecimento obtido através de processo, de meios, de etapas intermediárias. No senso comum, o imediato é a intuição. A sensação não atinge o conhecimento, mas é um ponto de partida para o conhecimento. A percepção é um conhecimento mediato. É resultado de uma prática, de um trabalho de entendimento que supera e unifica as sensações. Não existem duas operações separadas: sensação e depois percepção. A sensação é um elemento da percepção considerada como um todo. O mediato passa a ser o imediato.

O concreto e o abstrato constituem uma unidade. São características do conhecimento. O concreto é uma síntese de múltiplas determinações. O concreto determinado passa ao abstrato e este se torna concreto conhecido (concreto aparente ---→ abstração - separa, analisa e sintetiza - ---→ concreto pensado).

Análise e síntese são processos inseparáveis. O ser nos apresenta como algo fechado. Percebemos seu lado externo. A impressão do ser, em nossa consciência, constitui um fenômeno. Pela análise, decompomos o ser. Buscamos o seu lado interior. A análise é uma operação da inteligência (entendimento). A síntese é uma operação da razão. Considera o todo em seu movimento, no conjunto de suas relações. Análise e síntese estão sempre juntas. O

concreto se apresenta de forma sintética. Não é possível analisar sem sintetizar. Não é possível sintetizar sem analisar.

A indução é o movimento do pensamento que parte de um conjunto de fatos particulares em direção a uma conclusão geral. A dedução faz o movimento inverso. Indução vai do particular para o geral. Dedução vai do geral para o particular.

### **1.32 Conhecimento do Senso Comum**

O conhecimento do senso comum é caracterizado, segundo a metodologia científica da Universidade Anhembi Morumbi (UAM, 2003):

Solução de problemas imediatos que aparecem na vida prática e decorrem do contato direto com os fatos e fenômenos do dia-a-dia.

Não é programado ou planejado.

É elaborado de forma espontânea e instintiva.

Tem um caráter utilitarista.

Desconhecimento dos limites de validade.

Subjetividade e baixo poder de crítica.

Linguagem vaga.

Orienta o cotidiano.

Constata a continuidade ou similaridade entre eventos e objetos, de onde se conclui relações sem qualquer atividade intermediária que amplie o grau de certeza.

É ametódico, assistemático, oral, subjetivo e heterogêneo.

Caracteriza-se também como um conjunto desagregado de ideias e opiniões difusas, dispersas, não refletindo criticamente sobre a totalidade.

É construído de modo imediato, a partir de experiências, vivências, crenças, valores, por isso, de tendência conservadora, conformista e ideológica.



Contudo, é um conhecimento histórico e ajudou a criar a cultura, mas, sem uma relação causal segura.

O senso comum é o ponto de partida para o conhecimento científico.

### **1.33 Conhecimento Científico**

O conhecimento científico busca o conhecimento do concreto, do objetivo, da realidade, independente de nossa consciência. Os métodos científicos procuram evitar a interferência da subjetividade no processo do conhecimento, de forma que o concreto real possa ser apreendido com seus elementos reais.

O fenômeno é a impressão que temos do concreto. É a percepção da coisa.

A aparência é o reflexo parcial da essência das coisas.

Para conhecer, é necessário aprofundarmos no ser, na coisa, a fim de identificar a essência, que são as propriedades, as características das coisas em seu movimento e desenvolvimento permanentes, num determinado contexto, no espaço e no tempo. Essência é o conjunto das ligações e aspectos (características) internos necessários de uma formação material, constituinte da natureza da coisa.

Para conhecer, é necessário atingir a essência dos fatos e fenômenos. A verdade não está na coisa, no ser, mas na relação do real com a nossa consciência. Desta relação, advém a verdade, ou o erro. “Verdade é uma afirmação que expressa, de forma correta, a realidade, suas propriedades, ou leis”. (LEFEBVRE, 1975). O critério da verdade é a prática que aprofunda o conhecimento.

A consciência é formada pelo ser social, ou seja, pela experiência de vida, pelas relações sociais e pela cultura humana vivenciada.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada, neste trabalho de iniciação ao estudo do pensamento dialético, apresenta uma abordagem qualitativa, demonstrando, num nível descritivo, a aglutinação de amplo material relacionado com o Materialismo Dialético Científico.

Quanto às fontes de informação, foram utilizados os diversos meios impressos, eletrônicos, anotações pessoais e vários fundamentos apoiados nas referências bibliográficas apresentadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAKHNAZÁROV, G. e KRÁSSINE, Lú. *Fundamentos do materialismo dialético*. Venda Nova: Novo Curso Editores, 1985.

CHEPTULIN, Alexandre. *A dialética materialista*. São Paulo: Alfa-Ômega, 2004.

IOVCHUK, M. T; OIZERMAN, T. I. e SHCHIPANOV, I. V. *História da filosofia*. Venda Nova: Novo Curso Editores, 1981.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

NETTO, José Paulo. *O método em Marx*. Recife, 2002. DVD.

PINTO, Álvaro Vieira. *Lógica dialética - introdução*. 24/03/2009. Disponível em: <<http://monitoriacienciapolitica.blogspot.com.br/2009/03/logica-dialetica-um-estudo-mais.html>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

UAM - UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. *Metodologia científica*. São Paulo, 2003.

## APÊNDICE A - SOBRE O AUTOR

Ivan Barbosa Hermine é natural de Belo Horizonte, MG, nascido em 1947. Ingressou na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) em 1966, cursando Sociologia e Política até 1968, 3º ano, sem concluir o curso, então instalado no Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia da UFMG.

Iniciou o curso de Pilotagem de Aeronaves em 1968 no Aeroclube de Lagoa Santa, MG. Trabalhou em várias empresas do ramo e se aposentou na função de comandante de aeronaves na empresa VASP. Na área profissional, desempenhou as funções de Instrutor de Voo e Checador (check pilot - examinador de voo) pelo DAC, antigo Departamento de Aviação Civil, habilitando-se no Instituto de Aviação Civil, vinculado ao DAC e Ministério da Aeronáutica. Exerceu também a Chefia de Treinamento nas áreas de Ensino e Operações de Voo em empresa aérea. Na função de Comandante Mor ( Master ) de Linhas Aéreas, efetuou voos nacionais e internacionais, tendo realizado cursos especiais nas empresas Boeing e McDonnell Douglas nos EUA, Finnair na Finlândia, Aerolíneas Argentinas na Argentina e Fast Air ( Grupo Lan Chile ) no Chile.

É Bacharel em Aviação Civil pela Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo, com habilitação nas áreas de Pilotagem de Aeronaves e Gestão de Empresas Aéreas. No TCC, com o grupo de trabalho, desenvolveu proposta de criação de empresa aérea de carga com a utilização de modernos dirigíveis. Autor de trabalho de pesquisa em Teoria de Voo (aerodinâmica) de Avião para Pilotos. Atualmente, 2012 / 2013, pós-graduando em Segurança de Voo.

Na atividade de professor universitário, lecionou as matérias Teoria de Voo de Avião, Aerodinâmica de Alta velocidade, Pesos, Balanceamento e Conhecimentos Técnicos (Aeronaves e Motores) no Curso Superior de Aviação Civil, contribuindo na formação de pilotos de aeronaves e gestores de empresas aéreas e aeroportos.

Foi Dirigente Sindical por dois mandatos: Vice-Presidente Nacional e Delegado Sindical, em São Paulo, pelo Sindicato Nacional dos Aeronautas, de 1980 a 1986; Delegado Sindical junto à CONCLAT (Conferência da Classe Trabalhadora) em 1981 e no CONCLAT (Congresso da Classe Trabalhadora) de 1983. De 1990 a 1992, cumpriu o mandato de Presidente da APVASP, Associação de Pilotos da VASP (Viação Aérea São Paulo). Integrante da 22ª turma do NEP 13 de Maio e monitor na alfabetização de adultos na Universidade Anhembi Morumbi (2004, 2005). É militante do PCB desde 1985.

## ANEXO A – SOBRE O MATERIALISMO DIALÉTICO

Chakhnazárov, G. e Krássine, Lú

Anteriormente, foi exposta, em traços gerais, a concepção filosófica sobre o materialismo dialético. Qual é o lugar que esta concepção ocupa entre as outras teorias filosóficas?

### **Forma superior do materialismo: o materialismo dialético**

O que caracteriza, essencialmente, a concepção dialética materialista científica é que explica o mundo por si mesmo. A natureza, o ser, toma-se tal como é na realidade. SER é um conceito filosófico que serve para designar a natureza, a matéria, o mundo exterior, diferentemente da consciência, do pensamento. A doutrina que considera o mundo como um todo material, que tudo explica a partir da matéria, denomina-se materialismo. A forma superior do materialismo é o materialismo dialético.

O materialismo tem uma história de séculos. Surgiu, na Antiguidade, como doutrina filosófica. O mais conhecido dos antigos filósofos materialistas foi Demócrito. Daí que a orientação materialista, em filosofia, passou a chamar-se de “linha de Demócrito”. Sendo justa a visão geral do mundo dos antigos materialistas, as suas concepções concretas, como vimos ao referir-nos aos seus pontos de vista sobre a constituição da matéria, distinguiam-se pela sua ingenuidade. E não podia ser de outro modo, pois o antigo materialismo não se baseava nas ciências concretas, já que estas se encontravam ainda em embrião.

Nos séculos XVII e XVIII, apareceu uma nova forma de materialismo que tendia unir todos os conhecimentos e dotava a ciência de um método de estudo da natureza. A filosofia materialista deste período foi exposta, de modo mais completo, nos trabalhos dos materialistas franceses Denis Diderot, Paul-Henri Holbach, Claude Adrien Helvetius e outros. Defenderam, com paixão, os princípios do materialismo e combateram o obscurantismo, mas a explicação materialista de processos complexos, tais como os das sensações, nesse tempo, era ainda insuficiente. De todas as ciências de então, a que mais tinha evoluído era a mecânica, o que explica o caráter mecanicista do materialismo que, de fato, reduzia todas as leis do mundo às leis da mecânica. O escasso desenvolvimento da ciência deu lugar a outra carência do materialismo dos séculos XVII e XVIII. Não pôde levar, até o fim, a ideia do

desenvolvimento do mundo e do entrelaçamento de todos os fenômenos, ou seja, era metafísico, como se diz em filosofia. A metafísica não leva em consideração a ideia do desenvolvimento do mundo e do entrelaçamento de todos os fenômenos. Este materialismo era, além disso, contemplativo, pois não discernia o papel da atividade prática e transformadora dos homens.

A filosofia materialista dialética continuou com as tradições materialistas da história do pensamento filosófico, superando, ao mesmo tempo, os defeitos e as limitações do materialismo que a antecedeu, sobretudo o seu caráter metafísico. O materialismo dialético considera o mundo em estado de contínuo movimento e desenvolvimento, no decurso do qual, todos os fenômenos se entrelaçam e atuam uns sobre os outros.

Fonte: CHAKHNAZÁROV, G. e KRÁSSINE, Lú. *Fundamentos do materialismo dialético*. Venda Nova: Novo Curso Editores, 1985.

## ANEXO B – O IDEALISMO E SUAS RAÍZES

Iovchuc, M. T; Oizerman, T. I. e Shchipanov, I. V

Além do materialismo, existe outra linha, outra corrente filosófica que é conhecida por idealismo. Os idealistas consideram que, no mundo, o fator principal é o espírito, a ideia. Em oposição aos materialistas, negam-se a explicar a natureza, a matéria, o ser, por si mesmos. Para eles, a consciência, a razão, Deus, são os criadores da natureza, da matéria.

Tal como o materialismo, a filosofia idealista surgiu na Antiguidade. O seu representante mais notável foi Platão, que afirmava que os objetos do mundo exterior não existem por si, que eles são o pálido reflexo do que está mais além, do mundo das ideias. A corrente idealista, em filosofia, tomou o nome deste filósofo, chamando-se “linha de Platão”. O idealismo divide-se em duas tendências fundamentais:

- Idealismo subjetivo;
- Idealismo objetivo.

Os idealistas subjetivos consideram que todos os objetos e fenômenos do mundo exterior são produtos da consciência do homem. O mundo é o conjunto das minhas sensações. O sentido do idealismo subjetivo se reduz a isto.

Partidário do idealismo subjetivo foi George Berkeley, filósofo inglês do século XVII. No século XX, o idealismo subjetivo alargou-se, tomando a forma de machismo, energetismo, positivismo, existencialismo e outras correntes filosóficas.

Os idealistas objetivos afirmam, por seu lado, que o mundo material é produto de uma suposta razão universal que existe fora da consciência do homem. Além de Platão, o representante mais notável do idealismo objetivo foi Hegel.

As ciências naturais e a prática humana refutam o idealismo. Estas ciências mostram, atualmente, que a Terra, a Lua e o Sol existiam muito antes do homem e de qualquer outro ser dotado de “psique”. Não é este um argumento, de peso, que confirma a independência do mundo exterior em relação à consciência do homem?

A ideia da razão universal entra também em contradição flagrante com a concepção científica do mundo. A ciência demonstrou que a consciência é produto da matéria altamente organizada do cérebro. O homem empreendeu o domínio do Cosmos, penetra nos segredos do

micromundo, sem encontrar indícios de atividade da razão universal. A ciência fez muitas descobertas, progredindo consideravelmente.

O idealismo subjetivo reduz o mundo às sensações. Com efeito, as sensações desempenham um grande papel no conhecimento, mas não se deve esquecer que as sensações são somente uma parte deste processo, canais de ligação da consciência com a realidade, que elas entram em interação com o pensamento abstrato e a prática. Se as separarmos de todo o processo, da fonte material, pode concluir-se que estas são a única realidade. É isto, precisamente, o que fazem os idealistas subjetivos. Dizem que as sensações são “os elementos” do mundo. Disso resulta que as sensações não são, de maneira nenhuma, o reflexo das propriedades das coisas reais, mas existem por si, e que as pessoas tomam-nas, ingenuamente, por objetos do mundo exterior. Essas são as raízes do idealismo subjetivo no conhecimento. Do ponto de vista científico, as sensações são os reflexos das propriedades das coisas reais.

O idealismo objetivo reduz o mundo a ideias, conceitos gerais existentes fora dos fenômenos materiais e independentes deles. Os conceitos gerais, como as sensações, são indispensáveis no processo do conhecimento. Sem eles, o pensamento e a ciência não seriam possíveis.

Por exemplo: Consideremos uma “fruta”. O conceito geral é uma abstração, a segregação mental dos traços comuns inerentes às maçãs, peras, laranjas. Contudo, não se deve esquecer, de modo nenhum, que os traços gerais que dão o conteúdo da abstração não existem por si, à margem das coisas.

Os traços gerais que dão o conteúdo da abstração não existem por si, à margem das coisas. Esquecendo-os, poder-se-ia, facilmente, pensar que, além das maçãs, peras e laranjas, existe a “fruta” em geral e que, precisamente, este conceito é a base primeira real de todas as frutas em separado, a sua causa primeira ideal. Pode-se imaginar que os conceitos gerais existem, originariamente, por si, ou como manifestação da razão universal, da ideia absoluta e geram as coisas materiais. Tais são as raízes do idealismo objetivo no conhecimento.

Por que existe o idealismo e por que influi na consciência de muitas pessoas? Não obstante, o problema não assenta apenas na complexidade e no contraditório do processo do pensamento. O idealismo tem também as suas causas no conhecimento humano e nas



condições sociais. Nas primeiras etapas do desenvolvimento da sociedade humana, era evidente a impotência do homem perante a natureza. Sem conhecerem as leis naturais, sem saber dirigir as coisas, os homens começaram a atribuir inteligência a objetos, a desenvolver a mitologia, fonte principal dos dogmas fundamentais da concepção idealista. O fetichismo de objetos e fenômenos do mundo circundante, desde o princípio, traduziu a escassez, carência das relações entre homens e da sua atitude para com a natureza. A dominação das forças naturais e sociais sobre os homens adquiriu, na sua consciência, a forma de representações fantásticas sobre seres superiores que governariam o mundo. A crença, em forças sobrenaturais, compensou, de uma forma ilusória, a justiça e a benevolência inexistentes na vida real, cheia de trabalho árduo e de sofrimentos sem fim, desempenhando um papel de consolador de sofredores e infortunados. O idealismo elaborou todo um sistema de meios eficazes de influência sobre os sentimentos humanos. Até a arte tem sido utilizada por ele, como a música e a pintura, exercendo uma forte pressão na mentalidade das pessoas. Atualmente, esta concepção não costuma negar a ciência, dizendo que uma razão universal dotou o homem da faculdade de conhecer o mundo.

Fonte: IOVCHUK, M. T; OIZERMAN, T. I. e SHCHIPANOV, I. V. *História da filosofia*. Venda Nova: Novo Curso Editores, 1981.

## ANEXO C – A QUESTÃO FUNDAMENTAL DA FILOSOFIA

Iovchuc, M. T; Oizerman, T. I. e Shchipanov, I. V

O materialismo e o idealismo, a linha de Demócrito e a de Platão, são duas correntes contrárias, dois campos inconciliáveis em filosofia. A linha divisória entre os dois é o seu diferente modo de resolver o problema da relação entre a matéria e a consciência.

O princípio essencial do materialismo é o reconhecimento de que o fator primário é a matéria. A consciência é o fator secundário. O ser determina a consciência, dizem os materialistas baseando-se na experiência social e nas ciências naturais.

Inversamente, o princípio essencial do idealismo é a afirmação de que o fator primário é a consciência. A matéria, o ser, é o fator secundário.

Pela extraordinária importância que tem para determinar as posições filosóficas, o problema da relação entre a matéria e a consciência foi qualificado como a questão fundamental da filosofia. Da resposta que se lhe dê, depende também a solução das outras questões relativas à concepção do mundo. Se for aceito o primado da matéria e a sua independência em relação à consciência, reconhece-se, implicitamente, que o movimento, o espaço e o tempo são formas objetivas da existência da matéria. Se for considerado que a matéria é o secundário, que deriva da consciência, então, há de se considerar o movimento, o espaço e o tempo como formas da consciência, do espírito. Consideremos a questão das leis científicas: a solução materialista da questão fundamental da filosofia leva, diretamente, a reconhecer a objetividade dessas leis. A solução idealista obriga a vê-las como uma manifestação da razão universal, ou como o fruto da atividade da consciência humana.

Não há problema filosófico cuja solução não dependa da maneira como é resolvida a questão fundamental da filosofia. Esta questão tem um segundo aspecto: Qual é a relação da consciência humana com o mundo exterior? Pode-se conhecer o mundo? A resposta revela também o antagonismo entre o materialismo e o idealismo. Os materialistas afirmam categoricamente: Sim, pode-se conhecer. Entre os idealistas, não há um critério unânime. A maioria deles nega a cognoscibilidade do mundo, apregoando, de fato, a impotência da razão humana. Outros, sem negar as possibilidades do conhecimento, não admitem que este seja o reflexo da matéria no cérebro pensante do homem. Em sua opinião, o conhecimento é a comunhão com o mundo das ideias puras, a intuição da atividade da ideia absoluta, da

consciência universal. Esta interpretação do conhecimento não aponta para a investigação das leis objetivas da natureza e da sociedade.

Procurando esquivar-se à questão fundamental da filosofia, alguns filósofos afirmam não serem materialistas, nem idealistas, e terem-se elevado acima dos antagonismos entre as duas tendências fundamentais em filosofia. Mas não é possível evitar a resposta a esta questão da relação entre o ser e a consciência. E não é por acaso que os filósofos que pretendem superar a unilateralidade do materialismo e do idealismo preconizam, na prática, o mais puro idealismo. Começam por dizer que a questão fundamental da filosofia carece de sentido e que a missão desta ciência é analisar “as informações sensoriais”. Depois, torna-se claro que por “informações sensoriais” se entende as sensações e percepções que aparecem como a única realidade. Portanto, a questão fundamental resolve-se a favor do idealismo, pois as sensações e percepções se tomam como o fator primário em relação à realidade material.

Entre o materialismo e o idealismo trava-se uma dura e implacável batalha pela mente das pessoas. À primeira vista, pode parecer que esta luta, no domínio das categorias filosóficas abstratas, tem uma relação bastante distante com as questões econômicas, políticas e com as contradições manifestadas na sociedade, mas isto é apenas aparente. Cada uma destas duas tendências principais forma, nas pessoas, uma determinada concepção do mundo, um modo de pensar. Disso depende a compreensão do sentido da situação corrente, da visão de mundo, a compreensão da sociedade, de seus problemas e propostas de solução.

Fonte: IOVCHUK, M. T; OIZERMAN, T. I. e SHCHIPANOV, I. V. *História da filosofia*. Venda Nova: Novo Curso Editores, 1981.